



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

Curso de Pedagogia

VIVIAN SHIMIZU SANTOS

**O PAPEL DA DANÇA NA VIDA DAS CRIANÇAS CONTADO POR
CRIANÇAS QUE DANÇAM**

Florianópolis

2013

VIVIAN SHIMIZU SANTOS

**O PAPEL DA DANÇA NA VIDA DAS CRIANÇAS CONTADO POR
CRIANÇAS QUE DANÇAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências da Educação como exigência parcial para a graduação no curso de Pedagogia, realizado sob orientação da Professora Dra. Gilka Girardello.

Florianópolis

2013

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.**

Santos, Vivian Shimizu

O papel da dança na vida das crianças contado por crianças que dançam / Vivian Shimizu Santos ; orientadora, Gilka Girardello - Florianópolis, SC, 2013.
70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Pedagogia.

Inclui referências

1. Pedagogia. 2. dança e criança. 3. criança e infância. I. Girardello, Gilka . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Vivian Shimizu Santos

**O PAPEL DA DANÇA NA VIDA DAS CRIANÇAS CONTADO POR CRIANÇAS
QUE DANÇAM**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2 de julho de 2013.

Prof.^a Dr.^a Maria Sylvia
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Gilka Girardello
Orientadora

Prof.^a Ida Mara Freire

Prof.^a Lilane Chagas

Prof.^a Alessandra Mara Rotta

À minha mãe que possibilitou essa conquista, aos meus irmãos que fazem parte de mim e me apoiaram durante essa caminhada e às crianças que me ensinaram a ser uma professora e pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora Gilka Girardello que tornou essa experiência com a pesquisa mais prazerosa, interessante e significativa. Obrigada pela confiança, pela disposição, pelas palavras acolhedoras, por compartilhar seus conhecimentos com tanta sensibilidade, por toda contribuição não só para com este trabalho, mas principalmente com minha formação de professora e pessoa. Eu tive o prazer e o privilégio de estar próxima a Gilka não só durante essa pesquisa, mas também em outros dois momentos do curso de Pedagogia, portanto ela não foi apenas minha orientadora, mas minha professora, um exemplo e uma referência acadêmica, e principalmente exemplo de dedicação, gentileza, de carinho e amor ao que faz.

À minha mãe, Lilia, por ser meu maior exemplo de mulher, força, coragem. Obrigada por todo amor e toda dedicação e esforço para que não nos faltasse nada. Sem você eu jamais chegaria até aqui.

Agradeço aos meus irmãos, Vanessa e Vinicius, pelo amor que me sustenta, pelo apoio e incentivo.

Agradeço ao Rafa, meu companheiro, parceiro, amor. Obrigada pela paciência e compreensão.

Às amigas da Pedagogia, pelas trocas de experiências, pelo apoio, conselhos, por saber que não estava sozinha. Em especial as amigas Amanda, Juliana e Thaíza, obrigada pela amizade, pela parceria, pelo carinho, obrigada por todos os momentos.

Às amigas da dança, principalmente à Marina, pela oportunidade de trabalhar com algo que amo, pelo espaço cedido para a realização da pesquisa, por compartilhar suas experiências e conhecimentos sobre a dança, e principalmente pela amizade e parceria. Obrigada Ma!

Às crianças que participaram e possibilitaram essa pesquisa e ainda tornaram esse momento mais prazeroso, alegre e significativo para mim. Sem vocês essa investigação teria sido muito mais difícil! Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa teve como propósito investigar o papel da dança na vida das crianças a partir das experiências e falas de crianças que praticam dança semanalmente em uma escola especializada. Para tanto buscamos bases teóricas que permitam entender a criança como sujeito ativo, que vive e produz uma infância, e sua relação com a dança enquanto expressão humana e também expressão da infância. Caracterizando-se como uma pesquisa de campo, foram analisadas entrevistas feitas com crianças de cinco a treze anos que fazem aulas de diferentes modalidades de dança em uma escola especializada na região central de Florianópolis. A partir das vozes desses sujeitos, buscamos compreender a relação da dança na formação humana da criança e a motivação que essas crianças têm em dançar. A pesquisa é também uma contribuição para se pensar em possibilidades de pesquisas feitas com e por crianças, já que contou com a participação ativa das mesmas.

Palavras-chave: dança, infância e criança.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos.....	13
3 JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3.1 Sobre Criança e Infância.....	14
3.2 Sobre Dança e Criança	16
4 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS: pesquisa COM crianças.....	21
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO E DO RESULTADO DA PESQUISA.....	26
5.1 ANTES DAS ENTREVISTAS: sobre sermos pesquisadoras.....	27
5.2 ENTREVISTAS: as vozes de uma infância.....	30
5.3 Compreendendo as falas das crianças.....	50
5.3.1 Dançar é importante para o corpo?.....	50
5.3.2 Da dança para as aulas de dança: a possibilidade de expressão, liberdade, protagonismo, interação, movimento e felicidade.....	53
5.3.3 A dança na construção da identidade das crianças.....	57
6 CRIANÇAS PESQUISADORAS.....	60
7 SOBRE A MINHA EXPERIÊNCIA COM PESQUISADORA.....	62
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a dança já era algo em que eu tinha interesse desde que entrei no curso de Pedagogia em 2009. Minha experiência com a dança já dura 11 anos, a há 1 ano eu atuo como professora de dança em uma escola especializada de Florianópolis, portanto a vivência através dessa arte é algo muito presente e significativo em minha vida. Na 6º fase desse curso, em 2011, escrevemos nosso pré-projeto do TCC na disciplina obrigatória de Pesquisa em Educação II, e naquele momento eu imaginei e desejei observar as crianças pequenas em alguma Instituição de Educação Infantil vivenciando momentos de dança e expressão corporal, buscando compreender a dança-expressão corporal e sua relação com o desenvolvimento das crianças. Hoje, dois anos depois, volto a me aproximar desse tema e agora de forma mais concreta. Decidi focar essa pesquisa em outro contexto e investigar o tema de outras formas, pois após o levantamento bibliográfico que fiz encontrei muitos trabalhos acadêmicos brasileiros que discutem o tema da dança nas escolas, como veremos mais adiante, mas nenhum deles “deu voz” às crianças. À medida que estudava o tema das pesquisas com crianças, percebi que este caso não era único e fazia parte de um contexto maior,

Contextualizando historicamente os procedimentos teórico-metodológicos de pesquisas com a infância, percebemos que as crianças não foram consultadas, olhadas, ouvidas e muito menos consideradas. Na história da humanidade, as crianças não foram estudadas por seu próprio mérito. (QVORTRUP, 1999 apud MARTINS, 2010, p.5)

Um trabalho em particular se destacou nas minhas leituras, “O ‘se-movimentar’ na dança: uma abertura para novas significações – diálogos na educação” da autora Danieli Alves Pereira Marques (2012) , que discute as possibilidades da dança na educação. Através dele pude compreender melhor como a dança tem sido trabalhada nas escolas, qual é a relação entre o sujeito que dança e a dança, entender por que e como “a dança na educação escolar pode assumir a condição de intenção significativa e criadora, não se reportando a simples reproduções de movimentos sistematizados” (MARQUES, 2012,p107). A autora diz ainda que nesse contexto “a dança volta-se à sua essência de gesto artístico e criador, podendo contribuir para uma formação mais humana, emancipada e sensível dos sujeitos envolvidos.”(idem). Após a leitura dessa dissertação percebi que de fato o meu foco precisava ser outro, não podia se limitar à dança na escola, pois aquela pesquisa já abordava de maneira muito completa o que eu me imaginava estudando. Por isso, hoje busco investigar o papel da

dança na vida das crianças contado por crianças que dançam em um contexto que não o da escola regular, porém ainda assim educativo, pois nas escolas de dança também estabelecemos práticas entre sujeitos de diferentes idades com intencionalidade e respeito, educando-se através da dança na relação professor-aluno. Dessa forma procuramos entender a criança como um sujeito ativo desse processo e não apenas um objeto de estudos, garantindo a ela o direito a expressão. Sendo as crianças investigadas e ao mesmo tempo investigadoras, construiremos em conjunto um conhecimento sobre a presença da dança na vida delas. Essa pesquisa pretendeu, portanto, investigar as contribuições da dança na formação humana da criança por um ponto de vista “de dentro”.

Apesar de ser um pouco desafiador escrever sobre um tema que não foi abordado especificamente em nenhum momento dentro da graduação, para mim, entender melhor o que é a dança, sua relação com a criança, bem como outros conceitos relacionados à dança é muito prazeroso e significativo, e talvez por isso esse trabalho de conclusão de curso já tenha sua relevância, na medida em que eu me aproximo do ato de pesquisar e me descubro pesquisadora. A importância dessa pesquisa não está apenas nas descobertas que farei, mas também no caminho que comecei a aprender a percorrer, o da pesquisa. Se isso faz sentido para mim, se me mobilizo e me sinto motivada a percorrer esse caminho, essa pesquisa já tem alguma importância, pois “tem significação o que tem sentido, que diz algo do mundo e se pode trocar com outros.” (CHARLOT, 2000) Através desse trabalho aprendi a ser pesquisadora e compartilhei com os outros os conhecimentos que construí ao longo da pesquisa.

Trabalhar com a dança e educar através dela tem sido algo muito motivador e uma realização profissional, pude através das aulas de dança atribuir outros significados para minha formação como pedagoga, colocar em prática conhecimentos que construí na universidade, porém com mais liberdade, autonomia e confiança, por isso pesquisar sobre o papel da dança na vida das crianças é algo muito gratificante para mim, descobrir o que as crianças buscam e sentem quando dançam e aprender através das falas delas como qualificar essas experiências com a dança, seja no espaço escolar ou outros contextos em que a dança está presente, e ao mesmo tempo construir um conhecimento com elas através dessa arte e com essa arte e através delas.

É certo que as crianças se expressam muito com o corpo, desde pequenas aprendem a brincar e através da brincadeira¹ elas se desenvolvem, portanto o movimento/expressão corporal é algo muito presente e significativo na infância, sendo assim, me parece interessante investigar a dança, refletindo para além do que eu vejo nas aulas de dança em que atuo como professora, que também se caracterizam como um espaço muito rico em informações sobre a cultura infantil. Nas aulas de dança é possível observar, por exemplo, o momento do movimento, da expressão, da criação, da criatividade e a imaginação surgindo através das brincadeiras e interações. Também é possível escutá-las, possibilitar-lhes a expressão e deixar que se revelem, descobrir o que antecede as aulas e permanece nas crianças depois que a experiência e a aula acabam. O que elas pensam sobre a dança, sobre a escola, sobre a vida, para que as entendendo melhor possamos atuar com mais intencionalidade e respeito.

¹ Não irei, neste momento, discutir o papel da brincadeira na vida das crianças, mas esse conceito é fundamental para compreender o universo infantil e a forma como as crianças apreendem e aprendem sobre o mundo. “Mais do que um jeito de aprender, brincar é um jeito das crianças serem.” (Girardello, 2006)

2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

Feito o levantamento bibliográfico, que será sintetizado mais adiante, e uma maior aproximação a alguns trabalhos², percebi que a maioria deles apresenta pesquisas feitas por adultos que falam sobre as crianças, interpretando suas palavras, interações, expressões, movimentos. Diante disto me propus a descobrir o que as crianças que dançam contam sobre a dança na vida delas. Será que elas dançam por que os pais decidiram? Será que dançar é um desejo delas? De onde surge esse desejo? Será que os desenhos animados influenciam as crianças? Outras crianças as convidaram para fazer aulas de dança? A escola as incentiva? A escola possibilita experiências com dança? Essas experiências são felizes? Estas foram algumas das questões que despertaram a minha curiosidade inicialmente, porém outras questões surgiram na medida em que me envolvia mais com os sujeitos e com o tema.

Escutar as crianças foi a peça-chave desta pesquisa, a busca de construir um conhecimento com elas e não apenas sobre elas, possibilitando a participação ativa desses sujeitos. Dessa forma procurei alcançar respostas e formular outras perguntas que se relacionam com a cultura infantil. “Como aponta Sirota (2001), trata-se de compreender aquilo que a criança faz de si e aquilo que se faz dela, e não simplesmente aquilo que as instituições (escola, Estado e família) inventam para ela.” (BARBOSA & MARTINS, 2010), ou seja, compreender o que elas pensam e sentem, e não apenas o que os pesquisadores, as “instituições” pensam que elas pensam, ou dizem que elas sentem. Spineli (2012) em sua pesquisa de mestrado destaca uma feliz tendência dos últimos 10 anos sobre os trabalhos acadêmicos. Segundo essa autora houve

o aumento significativo da produção acadêmica nos últimos 10 anos e o ‘ouvir’ a criança como uma forte tendência metodológica relacionada ao uso da etnografia, resultando em certa alteração do lugar que ocupam a infância e a criança na pesquisa educacional brasileira – de sujeito silenciado a criança passa à condição de testemunha da sua própria história. (SPINILE, 2012,p. 9)

Nesse sentido, acredito que pesquisar com crianças é importante, principalmente para nós, futuras professoras, pois estaremos aprendendo a lidar com essas pessoas de pouca idade

² Segundo os autores Martins e Barbosa, “foi possível identificar que a escolha da forma de pesquisar crianças tem sido em grande maioria o “estudo de caso” (MARTINS, BARBOSA, 2010, p. 19)

com mais responsabilidade, respeito e afeto, conscientes do seu potencial e autonomia, permitindo que elas sejam crianças e vivam e construam suas infâncias como protagonistas.

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar o papel da dança na vida das crianças, a partir da fala de um grupo de crianças que vivenciam experiências com a dança no seu cotidiano, para ampliar a compreensão da relação dança-criança.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Construir-me como pesquisadora;

Investigar as razões pelas quais as crianças dançam; o que a dança é para elas e quais as compreensões de dança que elas têm;

Explorar as possibilidades de envolver crianças como participantes de uma pesquisa;

Contribuir para os estudos sobre a relação dança e criança, ouvindo o que as próprias crianças têm a dizer.

3 JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Acredito que a importância de pesquisar a dança na vida das crianças, levando em consideração as falas delas, existe para mim pelo fato de não ter tido a oportunidade de me aproximar desse tema na graduação, pois entendendo a dança como uma linguagem, uma manifestação social e que “é parte do universo cultural e que pode e deve ser construída e ressignificada nas experiências pessoais de cada um” (MARQUES,2012,p.108), e que está presente na vida das crianças de forma institucionalizada ou não, penso que é significativo para minha formação como professora aprender a acessar e proporcionar experiências com a dança de forma lúdica, consciente e com intencionalidade junto às crianças. Também destaco a relevância desta pesquisa com crianças sobre a dança, pois na medida em que buscava referências de dança, infância e criança, percebi que na grande maioria os trabalhos apresentavam pesquisas teóricas ou eram pesquisas que traziam reflexões a partir da observação do adulto sobre aquela realidade, não aparecendo a “voz” das crianças.

Pesquisar sobre a dança e a criança que dança também significa para mim uma possibilidade de relacionar duas formações e experiências que possuo e às quais estou completamente ligada: a minha formação de pedagoga e a de professora de dança. O fato de já trabalhar com a dança para crianças, e estar cursando a graduação em Pedagogia me trouxe até esse tema, dessa forma posso significar e qualificar ainda mais minhas ações com as crianças e dar sentido à pesquisa e a minha formação na universidade, relacionando a teoria com a prática. Nesse sentido há também com essa pesquisa o desejo de contribuir com o enriquecimento das referências sobre a dança e criança, especialmente a partir do ponto de vista delas, dessa forma contribuo também com a prática de outros professores seja da escola regular, ou da escola de dança.

3.1 SOBRE CRIANÇA E INFÂNCIA

Ao discutir a infância e sua singularidade, Kramer (2007) destaca que

A infância é entendida, por um lado, como categoria social e como categoria da história humana, englobando aspectos que afetam também o que temos chamado de adolescência ou juventude. Por outro lado, a infância é entendida como período da história de cada um, que se estende, na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade. (KRAMER, 2007, p. 13)

A autora relembra, a partir de estudos como os de Ariés (1978), que a infância nem sempre existiu e nem sempre foi igual, tendo surgido com a sociedade capitalista, quando o papel social da criança começa a mudar conforme as formas de organização da sociedade. Também baseada nos estudos de Ariés, Kramer pontua que as visões que temos sobre a infância são construídas social e historicamente (p.14).

Nesse sentido, a autora compreende a infância como uma construção social e a criança como um sujeito que produz cultura e é produzido por ela, sendo específico da infância “seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência cultural” (KRAMER, 2007, p.15). Indo ao encontro de Kramer, Guimarães e Leite também destacam em seus estudos a importância do “brincar” para crianças, pois a brincadeira faz parte da cultura infantil, e, portanto, deve ser valorizada e ensinada pelos adultos em todos os contextos educativos ou de socialização infantil, principalmente nas creches, pré-escolas e escolas, “assim, a ludicidade, a continuidade e diversificação das experiências garantem a produção de significados, fundamental na estruturação das aprendizagens, na relação com o mundo externo, na socialização. O adulto é o facilitador das relações e capaz de propiciar crescimento.” (GUIMARÃES & LEITE, 1999, p. 5). Nesse sentido a atuação do professor não se restringe apenas em facilitar as relações, mas também proporcionar momentos de brincadeira, permitir que elas sejam crianças e vivam suas infâncias, cuidar, ensinar ampliando seus repertórios culturais e educar.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), a criança é um

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (p. 12).

Nesse sentido, o Estado tem o dever de garantir a oferta de uma Educação pública, gratuita e de qualidade para todas as crianças, sem requisito de seleção. Devemos valorizar a infância, respeitando a criança como um sujeito de direitos, que é ativa, protagonista da sua própria história, atendendo e respeitando suas necessidades, incentivando e proporcionando tempos e espaços, principalmente nas escolas, para a brincadeira, dando liberdade para que as crianças construam seus conhecimentos a respeito do mundo que as cerca com autonomia.

Quando falamos que a criança é um sujeito social e histórico isso significa que ela não vive em uma cultura infantil isolada do resto da sociedade, a cultura infantil tem sim suas especificidades, porém pertence a uma cultura e sociedade maior, que existe em um determinado tempo histórico e espaço, portanto a criança se expressa, se comunica e interage com essa cultura através principalmente da brincadeira,

Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusoe, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um diálogo de sinais entre a criança e o povo. Um diálogo de sinais, para cuja decifração a presente obra oferece um fundamento seguro. (BENJAMIN, 2002, p.94 apud SOUZA, 2011, p.66)

A infância constitui-se, portanto, como uma fase importante para os seres humanos de pouca idade internalizarem hábitos e experiências dos adultos, valores, normas e crenças da cultura da qual já são parte. Nesse sentido a brincadeira ocupa um papel central nesse tempo de infância. Segundo SOUZA (2011) “o brincar tem uma importância social muito grande e significativa, ao contrário do que se pensa. A experiência lúdica para a criança propicia a sua consciência sócio-cultural, fortalece sua identidade infantil e a subjetividade do futuro adulto.” (SOUZA, 2011, pg.68) Nesse sentido as experiências lúdicas, o jogo e a brincadeira se constituem como atividades fundamentais na vida das crianças, pois através delas as crianças produzem sua cultura, vivem sua infância e também internalizam a cultura e os costumes dos adultos.

Pesquisar a infância, os sujeitos que pertencem a essas infâncias, no intuito de conhecer melhor as crianças, é também conhecer a história da sociedade em que vivemos, dos homens e das mulheres, tal movimento permite que continuemos produzindo o conhecimento e fazendo a história de forma consciente, crítica e respeitosa. Respeitar as crianças, conhecendo-as e ouvindo-as é também respeitar o nosso futuro. Nesse sentido “conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz.” (Kramer, 2002, p46)

3.1. SOBRE DANÇA E CRIANÇA

“Tenho consciência do mundo através do meu corpo e, igualmente, tenho consciência do meu corpo através do mundo” (MARQUES, 2012, p.48)

Entendida como a arte de expressar-se pelo movimento, a vivência em dança desde que a criança é pequena pode contribuir para a formação de cidadãos mais críticos, sensíveis, confiantes e expressivos, pois

“...a arte de “se-movimentar” entrelaça linguagem, expressividade, experiência, percepção, manifestação, sentidos, significações, criação, imaginação, liberdade, presença, sensibilidade...Partes de um simples e ao mesmo tempo complexo DANÇAR! Isso permite aos sujeitos uma pluralidade nas suas relações com o mundo, uma pluralidade na própria singularidade” (FREIRE, 2009 apud MARQUES, p.24, 2012)

É possível alcançar através da dança a superação de alguns preconceitos, ou mesmo a tomada de consciência e reflexão sobre esses preconceitos presentes na sociedade, tais como os de gênero, de classe social e de idade. A dança constitui-se como um espaço de resistência, de transformação e de superação de tais elementos discriminatórios, que nos ajudar a ampliar a visão de mundo, numa perspectiva menos alienante e reprodutora de sociedade, segundo as pesquisas desenvolvidas por FREIRE (2004) “o direito à arte vem sendo defendido e assumido pelos vários grupos de artistas com diferenças físicas, mentais e sensoriais, como uma clara manifestação contra a exclusão social.” (FREIRE, 2004, p.65) A dança não tem cor, gênero, idade, classe social, ela permite e proporciona o encontro das diferenças com respeito e qualidade, pois cada um pode ter o seu estilo e isso é valorizado, na dança a subjetividade, a criatividade e as diferenças de cada um são fundamentais e incentivadas a florescer.

A dança como arte caracteriza-se como um meio interessante para explorar as mais diversas dimensões das crianças, e ao mesmo tempo contribuir para sua formação humana, incluindo aspectos relacionados, por exemplo, à motricidade, coordenação, agilidade, lateralidade. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) ao se referirem à dança, apontam que

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade (p.67)

Com crianças a experiência com a dança deve ser diferente daquela com o adulto. A dança-improvisação, fundamentada na brincadeira e na imaginação, por exemplo, é um meio de permitir que as crianças criem novas formas de se movimentarem, pois “A dança-improvisação configura-se como uma possibilidade rica, dinâmica e criativa para os ambientes educativos, podendo proporcionar a ampliação do repertório de movimentos, de conteúdos da dança e da consciência de vida” (SARAIVA, 2003 apud LIMA 2009, p90)

Muitas vezes encontramos experiências com a dança dentro da cultura infantil que são o reflexo do que a mídia está divulgando. Nesses casos as crianças imitam os movimentos que veem na TV e no computador. Tal prática não se caracteriza como a melhor experiência em dança para as crianças, bem como coreografias que são ensinadas às crianças por adultos sem levar em conta o que as crianças já sabem e seu contexto social. É importante reconhecer que não há nada de errado na imitação, e que é preciso, sim, dar espaço para os movimentos que já fazem parte da vida dessas crianças, porém é importante ampliar esse repertório de movimentos para que assim possam recriar e enriquecer os que já conhecem. Assim, estará se desestimulando a imitação mecânica, e contribuindo com novos movimentos, pois “dança é arte, e arte é criação; entretanto, o sujeito deve receber condições para que exercite suas possibilidades criativas” (MARQUES, p28, 2012). As crianças compreenderão por que dançam ou se movimentam dessa ou daquela forma se construírem esses movimentos ou coreografias em conjunto com o(a) professor(a) e os(as) demais alunos(as), dessa forma elas se sentirão parte daquilo e darão significados próprios a seus novos gestos e movimentos.

Considerando o movimento como uma das dimensões de comunicação e interação dos seres humanos a autora Márcia Strazzacappa observa que “o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos.” (STRAZZACAPPA, 2001,p.69). Isso é importante principalmente no caso das crianças, pois estas brincam, e brincar requer a expressão através do corpo todo e não apenas pela fala, por isso devemos nos conscientizar sobre como as crianças estão sendo privadas de movimento nas escolas. Márcia Strazzacappa (2001) nos alerta sobre esse assunto de forma muito clara:

O movimento corporal sempre foi dentro do espaço escolar uma moeda de troca. A imobilidade física funciona como punição, e a liberdade de se movimentar como prêmio. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto. Mas se é através do movimento que o indivíduo se manifesta, que indivíduos iremos formar se impedimos sua expressão? (STRAZZACAPPA,2001,p.69)

Utilizar a dança na educação de crianças pode ser um meio de possibilitar a esses sujeitos a interação com o outro num sentido de cooperação e respeito, ou seja, “por meio da dança, podemos intervir e transformar as relações humanas e com o meio ambiente” (MARQUES, 2003, p.60). Em relação a esse processo de interação, podemos possibilitar às

crianças também momentos muito ricos compartilhados não só entre os seus pares, mas também com os adultos e professores(as), no movimento de descobertas e novas experiências, conhecendo o outro e a si próprio. Isto, pois o corpo como meio de comunicação com o mundo e com os outros não é passivo, objeto, consequência: ele é ativo, e nós somos os atores. Nesse sentido “incentivar que os alunos dançam juntos, ajustem seu tempo de criação em relação ao tempo do outro, olhando-o e sentindo-o, é uma maneira de conectar estas diversas experiências” (MARQUES, 2003, p.60) Através da dança conhecemos o outro de forma mais ampla, conhecemos sua personalidade e também o seu corpo, suas limitações e potencialidades, dessa forma interagimos com esse sujeito de forma mais respeitosa e consciente.

Compreendemos a dança enquanto “um conteúdo artístico que desempenha as funções de sensibilização estética, de desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade expressiva, capazes de impulsionar o sujeito para a busca de transformações sociais” (KUNZ, 2003, p.4). Portanto, o trabalho com a dança para o público infantil deve ser pensado de forma lúdica, rompendo com aquela visão de aulas de dança centradas na disciplina, rigidez, silêncio. Entendendo a “dança lúdica” sem descaracterizar as especificidades dessa arte, pois ainda que respeitando a espontaneidade, a brincadeira, a imaginação, é importante oportunizar à criança a experiência com essa nova forma de ser e estar no mundo através da dança e suas principais características e especificidades, pois a dança tem a sua história, seus conteúdos, conhecimentos construídos ao longo do tempo e das culturas.

Dessa forma, é importante pensar o trabalho com a dança, para crianças, que considere a brincadeira e a imaginação como atividades indispensáveis para o desenvolvimento infantil, proporcionando às crianças uma experimentação fora dos padrões de disciplina do corpo e dos movimentos, não a limitando, mas sim, incentivando a espontaneidade, a liberdade de criação, e o afeto. Infelizmente hoje em muitos contextos temos uma realidade que não favorece muito essa rica relação dança e criança. Nas escolas, que deveriam ser um espaço privilegiado para que a experiência com a dança acontecesse de forma consciente e crítica, a realidade muitas vezes é outra. Segundo FIAMONCINI (2003) a vivência em dança nesses espaços que deveriam democratizar e problematizar essa arte, “na maioria das vezes a dança acontece na forma de apresentações em datas comemorativas, quando alguém (geralmente a professora de educação física) traz uma porção de passos aleatórios para que as crianças repitam mecanicamente até decorarem a sequência.” (FIAMONCINI, 2003, p. 21) Infelizmente, a

dança apresentada às crianças dessa forma, não permite a liberdade do corpo e dos movimentos, bem como não incentiva a criatividade e a brincadeira.

Temos que buscar nas escolas e nos profissionais da educação da dança a superação de práticas com a dança mecanizadas e repetitivas, é preciso permitir que a criança construa novos movimentos a partir do seu próprio repertório, em conjunto com os adultos que já carregam consigo uma experiência corporal e em dança maior que as crianças, superar o que está padronizado e imposto pela mídia, oportunizando a “imitação criativa”.

Pensando na dança para além de uma forma padrão de execução, percebemos que ela oferece muitos subsídios para que o ser humano se aproxime de um contato nascente e significativo com o mundo, pois é ‘a experiência estética que promove a ampliação da sensibilidade – como a capacidade de percepção do mundo, tornando capaz de vivenciá-lo, refleti-lo e recriá-lo’ (MARQUES, p.24, 2012 ; SARAIVA et al., 2005b, p.61)

Não devemos pensar e planejar a vivência na dança focando apenas no produto final, que é o que muitas vezes ocorrem nas escolas. O processo é muitas vezes o mais importante dessa experiência.

4 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS: pesquisa COM crianças

Normalmente o que ocorre e o que eu destaco nas pesquisas de cunho etnográfico que já li, é o confronto do pesquisador com o desconhecido e, diante dele, o esforço em estabelecer relações de confiança, compreensão, na busca de conhecer esses sujeitos culturais e sociais da forma mais fidedigna possível e possibilitar a construção do conhecimento novo a partir dessas interações próximas.

Diferente de outras pesquisas de campo, nesta pesquisa já faço parte do contexto a ser estudado, já o conheço bem a partir de outro olhar que não o da pesquisadora, e as crianças já me conhecem bem como a professora. A escola é localizada na região central de Florianópolis, contém duas salas de dança, uma grande com capacidade para 20 pessoas e outra menor com capacidade para 10, lá são oferecidas aulas nas modalidades de jazz, danças urbanas, sapateado, ballet, dança do ventre, dança de salão, lindy hop e dança livre, existem turmas de adultos e turmas de crianças. Agora volto ao mesmo lugar, porém entro com um papel diferente, com o olhar mais atento e sensível sobre esses sujeitos que já fazem parte do meu cotidiano, com outra conversa e postura: as relações mudam, os papéis também, eu não serei apenas a professora e elas não serão apenas alunas, serei e seremos pesquisadoras. Talvez essa mudança de postura e papéis exija tanto quanto entrar num universo desconhecido, pois desnaturalizar o olhar, observar o conhecido com a atenção, a sensibilidade, a curiosidade, o interesse com o que olhamos para o novo é também muito desafiador. Tenho a vantagem de já começar essa investigação de dentro, tendo a confiança, a liberdade, a amizade dessas pessoas, mas ao mesmo tempo já tenho ideias pré-concebidas e julgamentos que podem fazer com que eu deixe de escutar certas vozes e ver certos movimentos, interpretando-os como realmente são, mas sim a partir de pré-conceitos que eu já formulei. Meu esforço é justamente o de sensibilizar o olhar, reconhecer essas crianças como co-pesquisadoras, capazes e ativas nesse processo, aproximar-me da experiência das crianças, “isto significa realmente ter como foco nas pesquisas a coleta das vozes, dos olhares, dos pensares, dos sentires, dos dizeres, dos saberes delas.” (Barbosa & Martins, 2010, p17)

Não se pretendeu fazer uma pesquisa etnográfica, pois isso exigiria uma aproximação ainda maior desse contexto e desses sujeitos e mais tempo de pesquisa do que este calendário e prazos de entrega me permitiriam, seria necessária uma presença diária no campo de estudo, já que, “por caracterizar-se como uma descrição densa, a etnografia é um estilo de pesquisa que supõe a presença prolongada do investigador no contexto social em estudo e o contato

direto com as pessoas e as situações.” (DELGADO & MULLER, 2005, p 10) Porém utilizei alguns aspectos da pesquisa etnográfica para desenvolver minha coleta de informações, desenvolver minha análise e alcançar meus objetivos.

É importante destacar que quando adentramos um campo, quando nos propomos a fazer um “estudo de caso”, temos que estar abertos e flexíveis, pois novas descobertas vão sendo feitas na medida em que nos aproximamos do nosso objeto de estudo, num movimento de construção de um novo conhecimento; conseqüentemente, novas inquietações irão surgir. Temos que estar atentos à apreensão dos significados, a essa dinâmica e ao movimento a que a pesquisa nos leva, “pois estamos interessados no modo como as crianças dão um sentido para fatos das suas vidas, como elas próprias interpretam as suas experiências ou estruturam o mundo social no qual vivem” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 50 apud DELGADO). Portanto, o processo não é algo estático, pronto e acabado. Respondemos algumas perguntas e formulamos outras, e os significados envolvidos só podem ser compreendidos no contexto e na relação com as crianças, observando como elas recebem e recriam a cultura do adulto e lidam com crenças e valores construindo significados partilhados em suas culturas de pares. Sobre esse movimento infantil o autor William Corsaro traz o conceito de “reprodução interpretativa”, com o qual indica o fato de as crianças se apropriarem do mundo adulto a fim de atender seus interesses, e além de se apropriarem também produzem cultura e a modificam, da mesma maneira que são produzidas pela sociedade e o meio em que vivem. Para ele

“o processo é reprodutivo na medida em que as crianças não se limitam individualmente a interiorizar a cultura adulta que lhe é externa. Pelo contrário, as crianças tornam-se parte da cultura adulta, e contribuem para sua reprodução através das negociações com os adultos e da produção criativa de séries de culturas de pares com outras crianças.” (CORSARO, 2002, p.113)

Aproximo-me também da pesquisa de campo por já fazer parte deste contexto e já ter uma perspectiva “de dentro”, porém agora com outro olhar, o de pesquisadora, proporcionando o encontro da teoria com a prática. Segundo Corsaro (2003, p. 1 apud DELGADO & MULLER) “a entrada no terreno é crucial na etnografia, uma vez que um dos seus objetivos principais, enquanto método interpretativo, é o estabelecimento do estatuto de membro e a adoção de uma perspectiva ou ponto de vista “dos de dentro”.

Fiz uso de alguns dos recursos metodológicos mais utilizados em pesquisa com crianças, com destaque para o registro fotográfico, algo muito presente em minha experiência

e que faço com muito prazer, antes mesmo de entender o significado, contribuição e importância desse recurso:

“O registro fotográfico – a fotografia nas pesquisas com crianças, mais do que um clic, é um importante recurso metodológico. O uso da fotografia ajuda a tomar posse das coisas transitórias que têm direito a um lugar nos arquivos da memória. Sendo assim, há uma possibilidade de se olhar para a imagem congelada, retratada pela foto, inúmeras vezes, um exercício pleno de ver e rever a cena, os personagens e o contexto. [...] mais do que ilustrar as seções do texto ou dar-lhe um “colorido”, a fotografia reconstrói o próprio olhar do pesquisador, apresentando-se como outras possibilidades de escritas – outros textos – da realidade estudada.” (Martins & Barbosa, 2010, p.22)

Kramer (2007) vai ao encontro de Martins & Barbosa e acrescenta que “No caso da pesquisa com crianças, a fotografia é também um vigoroso e potente instrumento de resguardar a memória e de constituir a subjetividade, por permitir que crianças e jovens possam se ver, ver o outro e a situação em que vivem.” (Kramer, 2007, p52) Sendo assim, a fotografia além de permitir novas reflexões e novos olhares para uma mesma situação por parte do pesquisador, também propicia a construção da identidade das crianças na medida em que essas possam também se observar e observar o outro em “ação”.

Utilizei também e a filmagem em vídeo, tendo as principais conversas gravadas continuamente, enquadrando todas as crianças, suas falas e movimentos.

O emprego da filmagem nas pesquisas é uma maneira de obter dados os mais próximos possíveis ao movimento das crianças, pois a imagem filmada e a sua transcrição, simultaneamente, articulam entre si a possibilidade de captar com maior expansão e expressão aquilo que não é perceptível à primeira vista. (Martins & Barbosa, 2010, p.23)

Pesquisar com crianças requer a participação ativa desses sujeitos, pois dessa forma estaremos defendendo o direito das crianças e respeitando-as sua condição de atores sociais, protagonistas da sua própria história. Querer conhecer a infância a partir das vozes das crianças é algo desafiador para o pesquisador que se propõe a isso, pois esse movimento requer a superação de problemas muito presentes no contexto acadêmico, a visão adultocêntrica e a hierarquia que impedem e dificultam conhecer a realidade de ser criança. Portanto, ao pesquisar com crianças é preciso

abandonar uma técnica da palavra aculturante, e passar ao exercício de um ouvido refinado, numa perspectiva de mútua construção (...), [proporcionando] práticas de encontro com a fala das crianças, [estimulando] a leitura da realidade que elas, diretamente, nos oferecem (...) [permitindo]

uma desinibição do ouvi-las (BECCHI, 1994, p.83 apud FILHO & BARBOSA, 2010).

Além disso, há também o desafio de pensar em uma forma de envolver as crianças na pesquisa, para que elas se sintam também participando. Dando autonomia e liberdade para que elas autorizem ou não a sua participação, sentindo que o espaço da pesquisa também é de algum modo seu, que elas são agentes e não apenas objetos passivos. Nesse sentido, temos que ter em mente, ao propor uma pesquisa com crianças, que estabeleceremos uma nova relação com esses sujeitos de pouca idade

O que nos interessa é que a investigação participativa defende uma relação bilateral entre o investigador e o investigado, onde o investigado é também um investigador, estabelecendo-se, entre os dois, uma relação interativa e aberta a mudança. Os significados e valores presentes terão sempre uma dupla interação: a dos adultos e a das crianças. (Soares 2003, p. 3, apud DELGADO)

Tornar a criança uma investigadora na pesquisa é um grande desafio, pois para isso é preciso primeiro romper com o autoritarismo do adulto, e buscar um equilíbrio entre o adulto e a criança, permitindo que ambos sejam ativos no processo. Alcançando essa realidade é preciso encontrar procedimentos metodológicos que envolvam as crianças, que sejam do alcance delas, “nesse sentido, é fundamental aprofundar um ponto de equilíbrio no que se refere à participação de adultos e de crianças; no caso das crianças, se não é mais aceitável subestimá-las, também tem que se ter cuidado para não superestimá-las na escolha dos procedimentos metodológicos.” (FILHO & BARBOSA, 2010) As escolhas que fazemos quando nos propomos a pesquisar com crianças precisam ser coerentes no sentido de respeitar e considerar a criança capaz de contribuir de forma ativa nessa investigação, dando condições para que elas também possam ser pesquisadoras.

Metodologias qualitativas e de cunho interpretativo são, segundo FILHO e BARBOSA (2010), uma estratégia interessante para investigar a cultura infantil considerando a participação ativa das crianças, pois se constituem como “uma possibilidade de analisar dados e fatos de forma abundante e que evidencia a riqueza dos detalhes do cotidiano”. O “estudo de caso”, portanto, tem sido o método mais utilizado em pesquisas com crianças, pois através dele é possível “penetrar na realidade social e descrever a complexidade de um caso concreto, desvelando a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo.” (FILHO & BARBOSA, 2010, p.19) Essa pesquisa,

portanto, se caracteriza como um estudo de caso, pois buscou investigar questões da vida de um grupo de crianças a partir da realidade social delas.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO E DO RESULTADO DA PESQUISA

O título “O papel da dança na vida das crianças contado por crianças que dançam”, foi escolhido justamente para indicar que esta pesquisa tinha como proposta analisar as narrativas das crianças que têm em seu cotidiano experiências com a dança: a palavra “contado” nos dá a dimensão de que gostaríamos de ouvir o que as crianças contam sobre sua relação com a dança. A presença da palavra “contar” então, tem a ver com essa abertura, com esse espaço que as crianças tiveram para narrar questões da vida delas, e questões da dança na vida delas.

A pesquisa foi realizada nos meses de maio e junho de 2013, por meio de entrevistas semiestruturadas e discussões de grupo com 23 crianças, sendo 22 meninas e 1 menino entre 5 e 13 anos, todas estudantes de escolas particulares da região central de Florianópolis, Santa Catarina e que frequentam no contra-turno da escola aulas em uma escola de dança na qual eu atuo como professora.

As crianças, entendidas como co-pesquisadoras, foram divididas em 4 grupos, sendo dois grupos de 7 crianças e dois de 4. Tais grupos já estavam pré-estabelecidos, pois formam turmas de diferentes tipos de dança na escola de dança em que atuo como professora, sendo duas turmas da modalidade danças urbanas, uma de jazz e uma de sapateado.

A pesquisa buscou uma investigação da vida dos sujeitos entrevistados, abordando o tema do cotidiano deles no momento específico das aulas de dança. Foi uma pesquisa inspirada pelo interesse etnográfico de conhecer o cotidiano das crianças, embora, dado o âmbito do trabalho (um TCC, realizado em tempo curto), tenha sido necessário limitar os procedimentos a grupos de discussão e observação participante. A análise dos dados e a abordagem caracterizam a pesquisa como qualitativa, pois teve como objetivo entender a questão da dança na vida das crianças de dentro de um espaço que pertence a elas também, partindo da visão de mundo que elas construíram e constroem a partir das suas relações sociais, como elas se apropriam e produzem a dança nelas e para além delas. Nesse caso a pesquisa qualitativa foi a mais interessante, pois permitiu certa flexibilidade no foco de olhar do pesquisador e também do roteiro de pesquisa; na medida em que adentramos o campo e conhecemos melhor o assunto a partir dos sujeitos participantes dessa pesquisa, descobrimos novas questões e novas perguntas, não abandonando o que nos motivou inicialmente, mas fundindo as novas informações com as antigas.

Ainda pensando em pesquisas com crianças, outra questão importante a ser discutida para que a pesquisa seja coerente e para que as crianças sejam protegidas e respeitadas, é a questão do uso do nome verdadeiro ou não identificação das crianças. A princípio pensei que o correto seria preservar a identidade das crianças, protegendo-as de qualquer consequência que a exposição poderia trazer, e para isso pedi que escolhessem nomes fictícios para que eu pudesse usar no texto e nas citações, porém após ler uma pesquisa da autora Sônia Kramer (2002), na qual traz diferentes exemplos de pesquisas feitas com crianças e as possibilidades de lidar com a identificação desses sujeitos sem prejudicá-los, percebo que no caso desta pesquisa, que não aborda um tema tão delicado para os sujeitos como, por exemplo, a violência, trabalho infantil, ou algo que possa colocar a criança em risco em consequência do que ela disser, acredito que identificá-las usando os nomes verdadeiros seria o mais correto. Na medida em que propus que elas também fossem pesquisadoras, e que suas vozes fossem escutadas, elas se tornaram sujeitos da pesquisa e são também autoras e responsáveis pelo resultado. Kramer (2002) traz uma reflexão interessante sobre isso, para ela

Segundo o referencial teórico-metodológico que nos tem orientado nesses e em outros estudos, a criança é sujeito da cultura, da história e do conhecimento. Pergunto: é sujeito da pesquisa? Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções. Permanecem ausentes. (Kramer, 2002, p51)

Nesse sentido, decidi garantir a autoria das crianças e utilizar os nomes verdadeiros, para que assim, quando ganharem seus exemplares deste trabalho, elas possam se reconhecer, e também se orgulhar do que produziram.

5.1. ANTES DAS ENTREVISTAS: sobre SERMOS pesquisadoras

Definido o meu tema de pesquisa e o meu campo, era preciso descobrir se os sujeitos pertencentes a esse campo também me aceitariam, se aquelas crianças que dançam concordariam em participar da pesquisa e se o tema seria algo que despertaria o interesse delas também. Fui para escola de dança com todos os termos de autorização necessários para a participação das crianças na pesquisa, mesmo sem saber se elas concordariam em participar.

Já estava preparada para o caso delas concordarem, e assinar os papéis seria também uma maneira de elas perceberem a importância desse trabalho, e que a participação delas era insubstituível.

No início da aula de cada turma, sentamos para conversar em roda sobre o tema da pesquisa e sobre nos tornarmos pesquisadoras. Levei a câmera para ver como elas reagiriam, e também para que se acostumassem com a presença dela nos filmando. Expliquei brevemente sobre o tema e os objetivos da pesquisa, sobre o que significava esse trabalho para mim, e sobre o “mistério” que eu queria desvendar; por fim, perguntei se elas gostariam de me ajudar, se elas achavam que era importante descobrir o papel da dança na vida das crianças. Todos concordaram em participar, sendo que alguns se envolveram mais prontamente nesse início. Sugeriram ideias para nos ajudar a buscar informações, modos de captar as imagens da melhor forma, além de outras opções para registrar as respostas, não só pelo audiovisual, mas também através de produções textuais. Outros apenas concordaram em participar da entrevista e não se empolgaram tanto, mas no geral o retorno foi muito positivo.

Em uma das turmas, a de danças urbanas, as crianças se motivaram bastante com esse início de conversa, então aproveitei o momento para registrar com vídeos e fotos a participação delas, e a opinião delas sobre essa pesquisa. Através das suas falas pude perceber que elas realmente estavam interessadas nesse tema, e que se sentiram também participando da pesquisa e contribuindo com a investigação. Percebi que de alguma forma essa pesquisa seria significativa para elas. A seguir algumas das falas delas que indicam o significado que as crianças deram nesse primeiro momento para a pesquisa:

“Eu acho que esse trabalho é importante e que a gente vai aprender muito.” (Beatriz, 9 anos)

“Oi, meu nome é Luana e eu tenho 10 anos, e eu acho importante fazer esse trabalho, porque quando a gente dança, a gente fica muito feliz, e agora que a gente vai fazer esse trabalho a gente vai aprender mais e a dança vai ficar mais importante ainda pra gente.” (Luana, 10 anos)

“Oi, eu sou a Rafaela, eu tenho 10 anos, e eu vou fazer essa pesquisa pra ajudar e pra saber um pouco mais sobre a dança que eu faço há um tempão, há anos e eu queria saber um pouco mais e agora eu vou ter essa oportunidade.” (Rafaela, 10 anos)

“Eu sou a Tais, eu tenho 9 anos e eu vou fazer esse trabalho pra minha professora porque vai ser legal, vai ser legal fazer esse trabalho porque ele pode evoluir bastante na dança.” (Tais, 9 anos)

“Oi meu nome é Yasmim, eu tenho 8 anos, e eu vou participar da pesquisa porque vai ajudar muito minha professora e vai ser bem legal.” (Yasmim, 8 anos)

“Oi, meu nome é Camila eu tenho 10 anos, eu vou participar da pesquisa, eu vou participar porque eu acho que é uma experiência boa pra eu continuar dançando, porque eu quero ajudar minha professora e porque eu acho que isso vai ajudar a minha dança.” (Camila, 10 anos)

Com a autorização do uso de imagem e o termo de consentimento em mãos, pedi nessa primeira conversa, para que assinassem elas mesmas e registrassem ali por escrito que concordavam em participar da pesquisa. Expliquei o que eram aqueles documentos e para que eles eram necessários, e pedi uma a uma que assinassem. Percebi que elas se sentiram importantes nesse momento. O fato de usarem a própria assinatura deixou-as empolgadas, outras usaram apenas o nome, mas houve um sentimento de pertencimento e participação ativa na pesquisa por estarem assinando um documento real, e isso as fez se sentirem autônomas e responsáveis também elas por este trabalho. Sentiram-se responsabilizadas também, pois combinamos que elas buscariam respostas com outras crianças da escola ou do convívio delas. Os métodos que utilizariam para registrar essas falas seriam os mais diversos e aqueles que estivessem ao alcance delas, pois explicaram que dentro das escolas não eram permitidos celulares e máquina fotográfica, portanto poderiam ser feitos por escrito ou relatados oralmente por elas mais tarde. Convidá-las a pesquisar em outros espaços, nos seus espaços dos quais eu não faço parte, foi uma estratégia para envolvê-las nessa pesquisa, e para que realmente se sentissem parte da investigação. O tema pareceu-lhes interessante e relevante, portanto havia a motivação necessária e as condições para que se tornassem pesquisadoras também.



(Clara, 5 anos, assinando a autorização para o uso de imagem)

5.2. ENTREVISTAS: as vozes de uma infância

Como esse campo para mim já tinha um significado antes de ser o campo da pesquisa, precisei fazer um esforço no sentido de desnaturalizar as práticas e as relações instaladas ali naquele espaço e com aqueles sujeitos, entendendo-as como protagonistas da pesquisa, para que assim eu também me constituísse como a pesquisadora e não mais a professora. Não queria ser vista como uma figura de autoridade, e busquei não olhá-las como alunas, potencializando nossa relação de amigas. Para reforçar essa nova relação busquei envolvê-las ao máximo na pesquisa, deixando claro que elas também seriam pesquisadoras, e de fato foram ativas nesse processo, caracterizando-se como uma “investigação participativa”, na qual o investigado também tem espaço para investigar, numa relação interativa e bilateral. Nesse sentido, esta pesquisa contou com a participação ativa das crianças e buscou torná-las pesquisadoras ao mesmo tempo em que eu me constituía como uma, estabelecendo uma nova relação entre os sujeitos que já pertenciam a um mesmo lugar social.

Foram interpretadas questões levantadas inicialmente por mim, e outras que surgiram das falas das crianças no decorrer das entrevistas. Escutando-as pude perceber que outros aspectos da dança eram mais significantes para elas do que o que eu havia me perguntado inicialmente. As entrevistas foram realizadas em grupos no horário da aula de dança de cada turma, portanto elas tiveram apenas uma hora de conversa para responder aproximadamente 15 questões. Nesse sentido, o tempo foi meu maior inimigo. Preocupei-me em sempre responder as perguntas e as dúvidas das crianças com mais perguntas, e não ser a professora nesses momentos, não dar as respostas prontas e de “adultos” para elas. Tinha claro que para mim isso seria um grande desafio, pois esse movimento estava muito presente em nossa relação de professor-aluno de dança, mas durante a conversa, percebi que eu teria mais dificuldade para lidar com o tempo, do que com a postura de professora. Talvez se eu tivesse outra oportunidade e outros prazos, com certeza organizaria essas entrevistas considerando mais tempo para cada roda de conversa, pois as crianças ao narrarem suas histórias com o objetivo de responder a pergunta feita, explicavam outras coisas para que ao final alcançassem o que realmente queriam dizer sobre aquela pergunta. Por exemplo, ao perguntar sobre o “papel da dança na vida delas” uma das crianças respondeu o seguinte:

Eu sei que não tem muito a ver, mas geralmente alguns adultos, assim, em alguns lugares, eles dançam às vezes para ganhar dinheiro, mas eu sei que eu tenho que falar o papel da dança como é pra mim, mas o papel da dança pra

mim...[fica em silêncio, pensativa]. Às vezes eu fico bastante orgulhosa de saber que eu danço e também eu acho que, lá no início eu já tinha falado que é pra ficar com o corpo alongado, porque a dança melhora muito, assim, a nossa vida. (Manu, 9 anos)

Nessa resposta é possível perceber que a Manu, antes de chegar à ideia que responderia a pergunta, fala o que estava pensando sobre esse assunto, mesmo sabendo que isso “não tem muito a ver”. Ao buscar as respostas para cada pergunta as crianças dizem coisas que pensam em relação ao tema da pergunta. Essa “volta” que elas dão antes de responder o que foi perguntado é muito importante que seja escutada também com atenção, pois a partir dessas falas percebemos outros assuntos que são relevantes na experiência delas com a dança e na vida delas de forma mais ampla. Se escutarmos apenas aquilo que queremos ouvir, como se já tivéssemos em mente a resposta ideal, perdemos outras ideias que talvez para aquelas crianças sejam mais significantes do que as questões que idealizamos no roteiro inicial. Valorizar o silêncio das crianças também se caracteriza como uma atitude respeitosa diante desses sujeitos e expressa a relação bilateral que buscamos estabelecer, pois só quem se propõe a escutar as vozes das crianças é capaz de dar a oportunidade ao silêncio das mesmas. Dessa forma a escuta do outro se torna o ponto de partida e um aspecto fundamental para pesquisadores e principalmente nesta pesquisa. Nesse sentido, ao propor fazer uma pesquisa qualitativa, temos que considerar a liberdade e a flexibilidade para reformular perguntas e focar o olhar em coisas novas que surgem no decorrer da pesquisa, pois, segundo RABITTI (1999) apud FANTIN (2009) é importante que “o pesquisador não se prenda rigidamente ao plano estabelecido, mas que seja livre para modificar suas ideias, para deixar de lado alguns aspectos e examinar outros que se revelem mais importantes na situação real ou que são mais importantes para quem opera no sistema.” (RABITTI, 1999, p.31 apud FANTIN, 2009, p49) As crianças dizem quais aspectos são mais relevantes na vida delas, precisamos estar atentos a esses pronunciamentos.

O fato de elas já se conhecerem e terem certa intimidade entre si e entre nós foi favorável para a pesquisa, pois não se constrangeram na hora de dizer o que queriam, e compartilhar histórias engraçadas ou tristes com as outras. Houve e há muita cumplicidade entre todos de cada grupo.

O roteiro de entrevista inicial continha 11 questões, foram acrescentadas mais duas a partir das falas das crianças durante a primeira entrevista e nas entrevistas que se seguiram, totalizando 13 questões:

- 1- O que é a dança?
- 2- De onde surgiu a sua vontade de dançar?
- 3- Vocês lembram de algum filme, desenho ou programa que tenha dança?
- 4- Que tipo de dança vocês fazem? Que outros tipos de dança vocês conhecem? Gostariam de fazer outro?
- 5- Por que vocês dançam?
- 6- Qual o papel da dança na sua vida?
- 7- O que vocês sentem quando dançam?
- 8- Onde vocês dançam além da escola de dança? Quando? Em que situações?
- 9- Onde vocês gostariam de dançar? Em que situações?
- 10- Vocês acham que muitas crianças dançam? Se sim, por quê? Se não dançam, por que não dançam?
- 11- Vocês já assistiram espetáculos de dança? Como vocês se sentiram quando viram outros dançando?
- 12- Como vocês se sentem dançando para os outros?
- 13- Vocês acham que a dança pode mudar a vida de alguém? Como?

Destas 13 questões, selecionei cinco que seriam as principais para o foco dessa pesquisa: as de número 1, 5, 6, 7 e 11. Essa organização foi fundamental durante a conversa, pois quando o tempo estava se esgotando eu sabia que o foco da pesquisa estaria mais presente nessas questões do que em outras que também eram interessantes, portanto tive que fazer escolhas. Ter feito essa seleção prévia também me trouxe mais tranquilidade nos momentos em que faltava tempo.

Em relação à pergunta “o que é a dança”, a maioria das respostas estavam relacionadas a ideia de movimento, exercício corporal, um tipo de esporte, porém em algumas falas apareceu também a ideia de expressão e arte.

“A dança é um tipo de esporte, que faz as pessoas se motivarem bastante a se mexerem e não ficar só parado.” (João, 10 anos)

“Dança é quando a gente se mexe e se solta.” (Isadora, 11 anos)

“Dança é tipo o que as pessoas se mexem nas músicas.” (Ana, 11 anos)

“Dança é um exercício muito bom.” (Beatriz, 8 anos)

“É tipo movimentos.” (Karen, 7 anos)

Nas respostas dessas crianças a dança está relacionada ao movimento corporal. Para elas a dança é uma motivação para saírem do seu estado de repouso, comparada a um tipo de esporte no sentido de exercício físico, porém com o diferencial do acompanhamento da música. A seguir apresento outras respostas que trazem um entendimento diferente sobre a dança:

“Se expressar com o corpo. Improvisar com o corpo” (Sofia, 8 anos)

“Eu acho que é tipo uma conexão entre você e a música, é um jeito de você representar como você se sente em determinada música.” (Mari, 13 anos)

“A dança pode ser um jeito de se expressar como você sente ao dançar, tipo se você esta feliz você vai se esforçar muito mais, do que quando você esta com raiva você não vai se esforçar tanto.” (Johanna, 12 anos)

“Dança é uma arte, e dança todo mundo se diverte.” (Beatriz, 8 anos)

Já para essas crianças a dança foi relacionada também a expressão e a arte, que se mostra através do corpo, uma forma de expressar os sentimentos sem utilizar a oralidade e as palavras. O que sentimos quando dançamos, o nosso estado emocional, se reflete na nossa dança.

Quando perguntei sobre a origem do interesse pela dança na vida delas, muitas disseram que foi uma motivação, ou até mesmo imposição da mãe, justificada pela importância de se exercitar para se ter uma boa saúde física. Algumas foram influenciadas por amigas da escola que já faziam dança. Outras disseram que simplesmente gostavam de dançar alguns tipos de música em casa e por isso desejaram entrar em uma aula de dança.

“É que minha mãe disse que eu tinha que fazer alguma atividade física, duas vezes por semana, aí eu gosto de dançar e preferi fazer a dança.” (Ana, 11 anos)

“A nossa mãe foi professora de balé, eu não queria muito dançar, achava meio chato, só que aí eu comecei a dançar e comecei a gostar.” (Malu, 9 anos)

“Eu tenho uma amiga, ela dança, eu achava “nossa, que legal! Ela dança!” e também porque eu tenho um problema no pescoço, aí minha mãe ela disse pra eu fazer uma atividade com movimento, aí a gente pensou em fazer dança” (Laura, 10 anos)

Nessas três falas podemos perceber que essas crianças chegaram até a escola de dança e se aproximaram dessa arte através da mãe ou de amigas da escola. Outras crianças expressaram uma visão um pouco diferente:

Mas daí desde pequena o meu sonho foi dançar, que eu sempre dançava, porque criança dança, mas eu sempre tive o sonho de conseguir dançar do jeito certo uma modalidade de dança, mas sim, mesmo que minha vontade mudou, de não querer mais dançar balé, mesmo assim ficou no meu coração de que eu tinha que dançar a dança, aí com 9 anos eu voltei a dançar, comecei o hip hop e depois o sapateado.” (Camila, 10 anos)

“Pra mim foi porque tinha varias músicas que ia ouvir, né, e eu gostava. Daí as vezes eu começava a dançar durante a música, daí me deu vontade de fazer aula de dança.” (João, 10 anos)

Já para essas duas crianças, o interesse pela dança e o encontro com a escola de dança surgiu de uma vontade pessoal, pois para elas “criança dança”. O contato com a música estimulou esse desejo, em conjunto com a imaginação e a brincadeira, a dança passou a fazer parte da vida dessas crianças desde pequenas, e contribui também com o seu desenvolvimento. Em casa, e até mesmo em alguns momentos na escola, a dança é também uma brincadeira, as crianças brincam de dançar, sozinhas ou em pares, mas sentem esse desejo que muitas vezes pode estar relacionado aos programas de TV.

Ao tentar resgatar na memória deles os desenhos, filmes e programas que trazem em seu conteúdo a dança, verifiquei que essas mídias³ têm um grande papel na escolha das modalidades de dança que essas crianças fazem, e até mesmo, uma grande influência no desejo e motivação nas crianças de buscarem aulas de dança. Através das falas delas percebi que havia uma vontade em ser como uma das personagens da série de TV “*No Ritmo*”⁴, e o sonho de dançar como elas as aproximaram ainda mais a dança,

Assim, a minha vontade de dançar saiu do “*RITMO*”, eu via elas ali felizes dançando e eu pensava que um dia eu podia estar ali dançando também alegre, imaginava eu ali, dançando feliz, me expressando, mesmo mentindo pra alguém, não sei, achava que de todo jeito mesmo, com qualquer coisa por trás daquilo eu podia tá feliz. (Camila, 10 anos)”

“Eu me lembro de uma serie que se chama *No Ritmo*, que elas dançam tipo bem o tipo de dança que a gente dança.” (Sofia, 8 anos, hip hop)

³ Não irei aprofundar neste trabalho a questão das mídias na vida das crianças de hoje dada a complexidade desse assunto.

⁴ Série de TV destinada ao público infanto-juvenil transmitida pelo canal Disney da Tv à cabo.

“Eu vejo uma série de tv que passa na Disney, e é *No Ritmo*”(Rafa, 10 anos, hip hop)

“Eu também já vi o *No Ritmo* na minha casa que é da Disney e ai quando ela começa a dançar eu tentava começar a dançar com elas.” (Yasmim, 8 anos, hip hop)

“E quando eu vi lá *No Ritmo* eu achei super legal, ai eu pedi pra minha mãe um lugar pra fazer dança.” (Tais, 9 anos, hip hop)

Para essas meninas a serie de TV que passa na Disney foi um grande motivador para que elas iniciassem a dança, e mais especificamente, a danças urbanas, pois o estilo de dança que os personagens apresentam é o hip-hop, a mesma modalidade de dança que essas crianças fazem. Para Kunz (2003) “as imagens de intensidade e ruptura no corpo veiculadas pela mídia estão estreitamente ligadas ao cenário de dança da juventude e não se pode separar a moda de dança veiculada pela mídia da forma de dançar da moda.” (p.194) Nesse sentido o corpo se torna uma mercadoria, e a partir disso, as mídias determinam o que ele precisa para obter satisfação. Na sociedade capitalista o corpo vem assumindo de formas cada vez mais explicitas o papel de mercadoria.

Quando perguntei sobre o tipo de dança que elas conheciam, foi possível perceber qual era a concepção de dança que essas crianças têm. Além das modalidades que existem na escola de dança que frequentamos, como por exemplo, o ballet, o jazz, o hip-hop, o sapateado, a dança de salão, surgiram outras referências que vão além das modalidades mais comuns nas escolas de dança de Florianópolis. Para algumas delas a ginastica rítmica, ginastica olímpica e a capoeira também são consideradas um tipo de dança.

“Eu danço hip-hop e sapateado e eu conheço jazz, ballet, dança livre, ginástica rítmica, capoeira, dança olímpica.” (Rebeca, 11 anos)

“Eu faço jazz, eu conheço sapateado, hip-hop, dança contemporânea, ginastica rítmica, dança livre, dança de rua, e eu gostaria de fazer sapateado.” (Clara, 5 anos)

“Eu faço jazz, eu conheço sapateado, hip-hop, dança contemporânea, essas coisas que elas já falaram, eu também conheço ginastica rítmica, e eu não sei os nomes, mas eu já vi varias danças de outros países, de outras culturas, e eu gostaria de fazer hip hop que eu acho bem legal.” (Isadora, 11 anos)

Durante as falas delas percebi que muitas crianças sabiam o nome de alguns tipos de dança, porém pareciam não conhecer ou não ter consciência de quais são as principais características de cada modalidade, nesse momento reformulei a pergunta e acrescentei outras.

Perguntei sobre a diferença entre uma dança e outra a fim de que elas descrevessem e mostrassem qual o conhecimento delas sobre cada tipo de dança citado, o que elas compreendiam por cada dança. A diferença entre o ballet e o sapateado foi na grande maioria a movimentação do corpo, sendo que para elas no ballet se usa mais os braços e exige mais disciplina e no sapateado se usa mais os pés, porém em ambos é preciso ter postura. As músicas e ritmos também foram diferenciados, para elas no ballet seria mais calmo, clássico e no sapateado mais intenso, forte. Para alguns o sapateado também possibilita a criação de uma música própria ou ritmo.

“O Ballet a gente usa mais as mãos e o sapateado a gente tem que bater com mais força assim no chão, o sapateado ele é mais difícil, mas todas as danças a gente tem que ter postura.” (Tais, 9 anos)

“Eu acho que a diferença do ballet pro sapateado é que o ballet ele é mais leve, ele tem que ter mais graça mais leveza assim na dança, e as músicas são mais clássicas, mais formais assim, e o sapateado tem um ritmo diferente, tu faz tipo teu próprio ritmo assim, batendo os pés. (Rafa, 10 anos)

“Pra mim a diferença é que o ballet tem que ter mais disciplina e o sapateado se solta mais, é assim mais legal. (Pergunto: O que é disciplina?) Tem que ter a postura, tem que saber” (Bia, 9 anos)

“Eu acho que a diferença entre o ballet e o sapateado é que o ballet tem que usar mais o corpo e o sapateado mais o pé.” (Karina, 9 anos)

“No sapateado a gente usa mais o pé, e não usa muito a mão e no balé a gente usa mais a mão do que o pé, e a gente se solta mais no sapateado e no balé a gente tem que ficar mais calma.” (Yasmim, 8 anos)

Mesmo as duas danças sendo diferentes, as duas têm que ter a postura né, mas assim, acontece que o no ballet tu dança mais assim, o objetivo da dança é mais com o corpo, e no sapateado o objetivo é o corpo e o pé, a gente faz o som pra acompanhar a dança, no balé é só a dança e a musica, só que a musica vem do alto-falante, por exemplo, e no sapateado ela vem do nosso pé, vem do que a gente faz, a gente faz o nosso som. (Camila, 10 anos)

Ao longo dos anos percebi que muitas pessoas que conheço, ou que entram da escola de dança não sabem o que é o jazz, muitas associam com a música, porém não imaginam como seria a dança, diferente do ballet e do sapateado, que parecem estar mais presentes na sociedade. Perguntei para o grupo que faz aulas de jazz, o que era o jazz? Muitas associaram o jazz ao ballet, principalmente pela parte técnica da dança, que se inspira muito no ballet, porém se diferenciam nas músicas e nas coreografias.

“Antigamente eles inventaram o jazz clássico, que não era meio tipo Beyoncé, coisa assim, era tipo uns caras tocando, e eles dançavam uma dança diferente do que a gente dança aqui, e o nosso jazz é um jazz que eu falei da Beyoncé, é contemporâneo.” (Manu, 9 anos)

“O jazz que a gente faz é um jazz com ballet misturado com outra dança.” (Johanna, 13 anos)

“Eu acho que jazz é um pouco de ballet, a sapatilha é também, tem uns passos que parece de ballet, mas eu acho também que tem um pouco de pop, por causa que as músicas que a gente dança normalmente são pop.” (Mari, 12 anos)

“Eu acho que os passos do balé são mais suaves, e acho que o jazz é mais parecido com o hip hop assim, não sei se é hip hop, mais com dança de rua e o balé eu acho que ele é mais original assim, não tem outra dança envolvida.” (Isadora, 11 anos)

É possível perceber que definir o que seria a dança jazz não foi tão fácil quanto falar do ballet e do sapateado. Para elas o jazz pode ser uma mistura de hip hop e ballet, acompanhado de músicas pop. Essa caracterização da música provavelmente foi devida às músicas que uso em aula, que são músicas do tipo pop/rock, porém o jazz não tem um estilo de música padrão, qualquer ritmo pode ser dançado. Foi interessante aprofundar a questão dos tipos de dança que elas conhecem, indo além e investigando e o que elas conhecem de cada tipo de dança que citaram, dessa forma foi possível visualizar qual o entendimento delas sobre a dança que dançam e outras que não estão tão presentes na vida delas.

Quando questionei porque elas dançam houve uma comoção maior do que nas outras perguntas. Em todas as turmas, esse foi um momento em que elas se abriram mais, desabafaram. Em muitas respostas elas falaram sobre sua relação com a escola regular, e o significado da dança dentro da rotina delas. Para muitas delas as aulas de dança representam um momento de descontração, fuga da realidade, de brincadeira, de liberdade de expressão e de movimento, enquanto que a escola as prende, as entedia, assim como a TV. Elas dançam porque se divertem, porque encontram com outras amigas, porque brincam, porque se sentem livres, porque se expressam, porque fazem bem para a própria saúde, para a mente, porque produzem arte, porque se sentem alegres, pois podem se movimentar e significar esse movimento.

“Eu danço por que eu acho que é uma maneira de expressar os sentimentos e de conhecer novas pessoas, nas apresentações a gente pode ver essas pessoas que a gente conhece. A gente pode se expressar, como eu já disse, e a gente pode brincar também.” (Tais, 10 anos)

“Eu danço por que , ah, eu amo dançar, desde pequeninha como eu já disse, eu danço. Eu acho que é um jeito de eu tirar tudo que tá me pressionando, que tá ruim dentro de mim, e soltar assim, e depois eu acho que a dança ela é muito importante pra gente, e é uma arte, ao mesmo tempo que é um esporte é uma arte.” (Rafa, 10 anos)

“Pra mim, dançar é uma forma de se alegrar, uma forma de se divertir e ainda ajudando o nosso corpo, ainda se expressando assim.” (Bia, 10 anos)

“Eu danço porque eu gosto de dançar e quando eu danço eu fico feliz.” (Karina 8 anos)

“Por que eu gosto de dançar, eu sempre pensei em dançar e eu nunca parei de pensar em dançar” (Clara, 5 anos)

“Eu acho legal, eu me sinto livre assim, eu esqueço das coisas.” (Ana, 11 anos)

“Eu danço porque eu acho que tipo, eu não faço nenhum esporte assim, e eu acho que a dança é tipo o esporte disfarçado, dai a gente ao invés de ficar fazendo aquelas coisas chatas do esporte, a gente dança, com música!” (Sofia, 8 anos)

“Eu danço porque eu gosto. Eu venho pra dança pra que tenha alguma coisa legal no dia pelo menos.” (Isadora, 11 anos)

“Eu danço porque é uma forma de se sentir mais livre e não ter que passar a manhã inteira, ou a tarde inteira sentado copiando coisas do quadro, ou vendo coisas lá bem ‘chatona’ que dura 15 min, porque você pode, sei lá, ao invés de ficar sentado na cadeira copiando coisa, você pode se soltar mais e não ficar fazendo coisa chata, tipo escola.” (Rebeca, 11 anos)

“A gente chega deprimido da escola, só que dai a gente vem pra cá e é uma coisa que alegra nosso dia.” (Sofia, 8 anos)

“É um jeito de você se sentir mais livre do que na escola.” (Rebeca, 11 anos)

“Olha o que minha professora disse: ‘o único motivo das crianças é estudar, depois elas fazem o que elas querem, mas elas têm que estudar’. Fiquei com uma raiva dessa professora que eu quase comecei a chorar, agora eu tô chorando até, é sério.” (Isadora, 11 anos)

“Mas assim, aqui a gente não precisa ficar lá escrevendo fazendo essas porcarias, aqui a gente faz as coisas com o corpo ao invés de com o lápis.” (Sofia, 8 anos)

“Aqui a gente pode escrever com o nosso corpo”! (imitam as letras com gestos e movimentos) (Isadora, 11 anos)

“Na verdade foi minha mãe que motivou a dançar” (Joao, 10 anos)

“E também é legal, porque você não precisa sei lá, você chega da aula, dai no dia seguinte você tem que ficar sentado estudando, tem prova, porque se você tirar uma nota ruim você está ferrado e roda de ano, aqui nem tem ano pra você rodar! Você faz um ano, dai depois você faz outro, dai depois você já tá lá na das pessoas médias, não tem ‘você roda porque você não dança bem’ “ (Rebeca, 11 anos)

“Eu danço porque eu acho interessante, a gente se movimenta muito, e porque eu e minha mãe a gente acha que é uma atividade legal pra fazer e mantém o movimento.” (Laura, 10 anos)

“Eu danço porque assim eu não fico em casa sem fazer nada, e eu dançando tenho um objetivo pra fazer alguma coisa da minha vida, do que só ficar em casa assistindo TV, e ainda mais, dançar pra mim é muito legal, é muito mais do que só um sonho em dançar.” (Johanna, 12 anos)

“Eu danço porque minha mãe também mandou, não mandou, mas ela falou que era legal, que era bom e eu danço porque eu gosto.” (Manu, 8 anos)

“Eu danço porque eu acho uma coisa legal, porque a gente se movimenta, e alonga, e eu acho bom fazer pra mim.” (Liu, 8 anos)

“Eu danço porque desde pequena eu tive bastante influência da minha mãe, e de coisas assim, de amigas, e de fotos, e eu sempre achei muito bonito, eu também gosto de vários esportes só que de todos esses que eu gosto, eu escolhi o jazz porque eu acho que a dança é fundamental, eu não sei porque ela é fundamental, mas ela é fundamental.” (Isadorah, 11 anos)

“Eu danço porque eu acho interessante a dança, porque a dança é muito importante e porque eu sempre achei que a dança é legal e que fosse bom fazer do que ficar só em casa.” (Clara, 5 anos)

“Eu acho que eu faço a dança porque, bom como elas já disseram, ela é mesmo fundamental, porque a gente aprende muito com ela, tipo eu não aprendo quando eu falo ‘Ah, você vai aprender a dançar assim, assim, assim.’ A gente aprende a dançar mais inconsciente mesmo, porque também a dança não só me ajudou aqui, mas também me ajudou a raciocinar mais, é tipo, direita, esquerda” (Mari, 13 anos)

Como professora e amiga, eu percebia a alegria delas ao chegarem à escola, podia imaginar que a dança tinha algum valor na vida dessas crianças antes mesmo de iniciar a pesquisa, mas depois de escutá-las eu pude ter a dimensão dessa importância, e que dançar para elas significa muito mais do que fazer coreografias e ensaiar. Dançar, no contexto de vida dessas crianças, representa a oportunidade de serem ativas, pois tanto na escola quanto em casa, elas demonstram através de suas falas serem apenas espectadoras, seja de uma aula ou de um programa de TV, e nas aulas de dança elas são protagonistas, elas podem se movimentar e se expressar através do seu corpo, das brincadeiras que algumas vezes

proponho e outras que surgem do grupo. É um momento em que elas podem ser elas mesmas e se identificam umas com as outras. Nesses depoimentos elas revelam de maneira muito sensível a relação com a escola, uma escola que se mostra entediante, na qual as crianças só copiam e não tem espaço para brincarem e se expressarem com o corpo.

Quando perguntei sobre o papel da dança na vida delas, muitas trouxeram em suas falas a ideia de lazer, de algo prazeroso, que proporciona alegria, diversão, encontro com as amigas. Outras falaram sobre a possibilidade da expressão dos sentimentos, das ideias, de fugir da rotina monótona, de “se livrar das coisas ruins.” Ao reler as transcrições, percebo que todas as respostas estão associadas com o papel das aulas de dança, e não com a dança de forma mais geral, pois a dança não se restringe apenas às modalidades de dança que são ensinadas nas escolas especializadas, a dança como arte aparece em diferentes contextos sociais e culturais, como por exemplo, as danças folclóricas e os rituais religiosos, mas durante as conversas as crianças falaram da sua relação com a dança desenvolvida nas aulas de dança especificamente.

“Pra mim o papel da dança é uma atividade para me fazer feliz, alegre, me divertir, e pra eu poder aprender mais com meu corpo.” (Laura, 10 anos)

“O papel da dança na minha vida é muito porque eu prefiro vir aqui toda segunda e quarta, e dançar aqui do que ficar em casa sem fazer nada, sentado, do que pensar no que eu posso fazer de bom, mas eu prefiro muito mais vir aqui toda segunda e quarta e dançar, posso me sentir feliz, sair de casa e falar com meus amigos.” (Johanna, 13 anos)

“O papel da dança na minha vida, é tipo, é, humm, assim, uma parte da nossa vida que a gente pode se expressar não só falando, mas a gente pode se expressar com o corpo, e vindo pra cá (escola de dança), pelo menos nem que seja uma vez por semana a gente conhece pessoas novas, e é isso.” (Sofia, 8 anos)

“Dançar tem uma grande parte do que eu sinto e eu adoro dançar e curtir minhas amigas dançando.” (Yasmim, 8 anos)

“É me deixar alegre e não deixar que as coisas ruins me ataquem, eu acho que duas vezes por semana fazer dança é legal, mas se eu pudesse fazer todos os dias eu faria.” (Rafa, 10 anos)



“O papel da dança na minha vida seria um jeito de eu me expressar, como eu estiver me sentindo no dia da semana no jeito que eu me sinto, então quando eu danço eu expresso o jeito que eu me sinto. Esse é o papel, dizer como eu estou a cada dia.” (Johanna, 13 anos)

Para outras crianças, a aula de dança é um momento também para aprenderem coisas novas, porém coisas que elas gostam e escolherem aprender, no qual existem momentos de descontração e momentos de concentração. Para elas a dança ajuda a corrigir a postura e manter o corpo alongado.

“Pra mim o papel da dança é um jeito de me expressar, eu não digo me divertir, porque eu não acho que seja uma diversão, que eu não vim pra brincar com meus amigos, mas é um tempo, não é relaxado pra eu ficar fazendo qualquer coisa, mas uma coisa que eu gosto de fazer.” (Isadora, 11 anos)

“No jazz que eu faço assim em aula é divertido, mas não é para mim uma brincadeira, acho que é uma aula, mas que eu gosto muito de fazer, mas em casa eu brinco de dançar, invento coisas doidas.” (Isadora, 11 anos)

“O papel da dança é pra se expressar, as vezes pode ser uma diversão, só que na aula de dança eu acho que agente dança pra aprender coisas novas, em casa a gente gosta de dançar e brincar de dançar assim, e a dança faz as pessoas felizes.” (Clara, 11 anos)

“Normalmente eu fico muito feliz em dançar, e as vezes de tanto que eu gosto, e pra ficar alongada todo dia, eu até faço a aula em casa.” (Liu, 9 anos)

“Eu sou meio corcunda né, daí a dança vai trabalhar mais com o tronco daí talvez eu fique um pouquinho mais reto, e também porque faz bem pra saúde e é legal.” (Joao, 10 anos)

Participar de um grupo de dança ou fazer aulas em uma escola especializada, é também uma forma de fugir do padrão, já que, segundo elas, a minoria das crianças que elas conhecem faz aulas de dança. Sendo assim a criança que dança constrói sua identidade também a partir desse novo grupo e dessa forma de agir no mundo, de se manifestar e se expressar através da dança. Dançar, para elas, é algo diferente, e você passa a ser identificado por essa atitude.

O papel da dança é porque você está fazendo alguma coisa diferente que nem todo mundo faz, porque ir pra escola todo mundo vai. Você tá fazendo alguma coisa diferente, daí você não é assim igual a todo mundo, que nem todo mundo tá na escola. Você também conhece pessoas novas, e daí você, sei lá, é alguma coisa pra você fazer no seu tempo livre. (Rebeca, 11 anos)

Ter uma motivação para sair de casa e se movimentar, dançar é algo que elas acreditam que contribuem tanto para a saúde quanto para o bem estar, pois traz alegria e a oportunidade de fazer novas amizades ou estar com amigos antigos em situações diferentes. As aulas de dança também contribuem com a autonomia, responsabilidade e independência das alunas, pois não sendo uma obrigação, se torna um compromisso do qual cada criança se responsabiliza ainda mais.

Sei lá, pra eu prestar mais atenção nas coisas, as vezes quando eu não tenho nada pra fazer eu fico fazendo alguma coisa, tipo simples, que eu aprendi aqui (escola de dança, jazz), porque, tipo ‘não tem nada pra fazer’, eu fico treinando os passinhos, e também ela (a dança) me fez ter que andar de ônibus pra vir pra cá e talvez eu tenho ficado um pouco mais independente. (Mari, 13 anos)

Quando perguntei o que elas sentem quando dançam algumas disseram que se sentem felizes, outras que se sentem livres, com calor ou com vergonha, que em alguns momentos sentem dor e em outros sentem conforto. Disseram que se sentem bem por fazer algo que gostam, que escolheram fazer; que têm medo de errar nas apresentações, mas que sabem que podem superar esses medos, e aprimorar a sua dança sem cobranças, pois cada um tem o seu jeito de dançar. Que quando dançam afastam as coisas negativas e esquecem-se dos problemas.

“Eu sinto calor.” (Sofia, 8 anos)

“Eu sinto como se desaparece assim as coisas ruins, sei lá, eu me sinto livre.” (Ana, 11 anos)

“Quando eu danço eu sinto alegria, felicidade e diversão.” (Joao, 10 anos)

“Eu sinto que quando eu danço, eu não preciso ter vergonha de dançar, porque é um lugar que está todo mundo fazendo a mesma coisa dançando, só que cada um tem o seu jeito, então se eu tiver dançando e ela tiver dançando do meu lado, eu não preciso fazer do jeito que ela faz, eu faço do meu jeito.” (Sofia, 8 anos)

“Eu me sinto muito bem assim, como se eu tivesse livre, como se eu fosse a dona do mundo, só que eu não sou, assim, eu me sinto muito bem mesmo, é uma coisa que não dá pra explicar assim.” (Rafaela)

“Quando eu danço eu sinto que eu posso fazer qualquer coisa , eu posso fazer o que eu quiser, eu não preciso, tipo, obedecer as pessoas.” (Tais, 9 anos)

“Eu me sinto alegre assim, de bom humor, eu sinto que eu tô confortável, eu me sinto fora da gaiola! Eu sinto que eu posso fazer qualquer coisa, eu sinto que eu tô alegre, eu tô livre.” (Camila, 10 anos)

“Eu me sinto alegre, eu me sinto livre pra fazer qualquer, qualquer, qualquer coisa” (Yasmim, 8 anos)



“Eu me sinto muito bem porque é uma coisa que eu adoro fazer” (Liu, 8 anos)

“Na hora do alongamento eu sinto dor, mas na hora da dança é bom, porque, na real eu sei que se ninguém ri de você porque eu vivo errando, então não tem problema, eu só tenho medo de errar mesmo na hora de fazer apresentação no teatro, porque todo mundo lá fazendo coreografia, dai você errou. Quando eu tô dançando mesmo e não tô me importando é muito legal porque é como se fosse só você e a música.” (Mari, 13 anos)

“Eu me sinto muito feliz porque é uma coisa que eu gosto de fazer e é um jeito de eu fazer aquilo que eu gosto realmente de fazer sem que ninguém me proíba de fazer aquilo que eu amo fazer, e eu me divirto muito dançando porque é um jeito que eu posso dizer como eu estou me sentindo.” (Johanna, 13 anos)

“Quando eu danço eu sinto que eu posso me expressar, também as vezes eu sinto calor, e também a gente se sente mais feliz do que na escola, porque também dançando é uma coisa diferente, você não precisa dançar, mas é um jeito de você se esquecer daquela coisa de que todos os dias tem que ir pra escola, você esquece do mundo.” (Rebeca, 11 anos)

“Eu me sinto feliz. Depende da dança, se eu gostar da dança, se eu não gostar da dança eu prefiro ficar em casa” (Karina, 9 anos)

“Eu me sinto muito feliz dançando, eu me sinto solta assim, poder fazer o que eu gosto e o que eu quero, e quando não é uma dança que eu gosto eu fico triste assim, eu normalmente peço pra sair da dança, que eu não to confortável” (Beatriz, 10 anos)

“Eu me sinto às vezes um pouco envergonhada, tipo, eu posso errar e todo mundo rir, como num dia a gente estava lá na escola, a gente estava na aula de musica e uma amiga nossa estava lutando capoeira com outra e deu um escorregão e ela passou um monte de vergonha, e tipo às vezes eu tenho medo, mas eu me sinto bem assim.” (Manu, 9 anos)

“Eu quando danço eu me sinto bem feliz, e eu tô fazendo algo que eu gosto de fazer, e eu venho aqui de boa vontade, e eu também as vezes me sinto um pouco envergonhada igual a Manu, porque vai que a gente comete um negócio estranho e todo mundo “hahaha”.” (Laura, 10 anos)

“Eu me sinto bem, e posso até ter um pouco de vergonha de errar, mas eu acho que não vão ficar rindo se eu errar, porque também quando eu voltar eu vou fazer tudo de novo melhor, e eu gosto de fazer dança junto com todas as minhas amigas, e eu também gosto de ficar dançando feito uma doida em casa” (Clara, 10 anos)

“As pessoas falaram que se sentem envergonhadas porque podem errar, mas eu acho que se a gente errar, a gente pode tentar consertar o erro, e se a gente tiver no teatro e errar, as pessoas não vão ficar rindo da gente, porque a dança não é uma coisa perfeita e que tem que ser super certo. Nas aulas a gente se alonga assim, e é bem importante, mas aí na hora de dançar no final da aula, eu fico mais divertida assim, fico mais alegre, eu acho divertido dançar, ainda mais em casa que tem menos gente aí eu posso fazer coisas doidas.” (Isadora, 11 anos)

A possibilidade de dizer como se sentem, de fugir da rotina escolar e principalmente de fazer algo que não foi imposto por adultos, mas foi uma escolha feita pelas próprias crianças, faz com que elas se sintam autônomas, capazes e felizes. É possível perceber nessas falas que o prazer em dançar existe porque foi uma atividade em que elas tiveram liberdade e voz para decidir se querem fazer ou não, e se por algum momento não se sentirem bem

fazendo, elas sabem que têm liberdade para parar de fazer. Isso torna a dança mais significativa para elas.

As crianças também falaram sobre a vergonha que sentem em algumas situações na dança, esse sentimento que muitas vezes surge quando dançamos é explicado por Kunz (2003), segundo qual “nosso ser íntimo se reprime frente ao nosso ser social e apenas na esfera privada, participando com outros e não sendo observado, nosso íntimo consegue ser protegido dessa objetivação.” (KUNZ, 2003, p.134) A vergonha existe no momento em que nos sentimos expostas, e sendo humanas, reconhecemos que podemos errar, e é essa fragilidade que gera a insegurança ou a vergonha, porém ao mesmo tempo em que surge esse sentimento, as crianças também falam do orgulho, da satisfação ao se apresentarem, e que existe a possibilidade de corrigir os erros, portanto isso não as impede de dançarem e essa atividade não se constitui como algo doloroso.

Quando perguntei onde e em que situações elas dançam, muitas disseram que dançam em casa quando estão felizes. No ambiente familiar a dança se torna uma brincadeira, elas brincam de dançar com irmãos ou pais, ou quando são motivadas por um programa de Tv ou musica.

“Eu posso dançar na minha casa, eu posso dançar na casa da minha vó, mas principalmente quando eu tô feliz eu danço assim, muito bem, e quando eu tô triste, ao invés de eu dançar, porque eu não tenho energia quando eu tô triste, eu penso na dança, ao invés de dançar, e quando assim tem uma música, numa festa, eu danço também.” (Rafa, 10 anos)

“Eu danço em qualquer lugar, eu danço quando eu tô feliz, quando eu tô alegre, eu danço na escola, com a Clara, sei lá, quando eu me sinto feliz eu danço.” (Beatriz, 9 anos)

“Às vezes eu danço na minha casa quando eu saio da aula, na minha vó, e eu já cheguei a dançar até quando bateu o sinal.” (Karina, 9 anos)

“Eu danço a hora que eu tiver feliz, quando eu quiser expressar meus sentimentos.” (Tais, 9 anos)

“Eu danço na casa das minhas avós, eu danço na casa das minhas tias. Eu danço quando eu tô feliz e triste. A Rafa falou que ela não tem força pra dançar quando ela está triste, eu tenho pra me recuperar. Eu danço quando eu tô alegre, quando eu tô triste, eu danço na minha tia, na minha vó, eu danço onde eu posso.” (Camila, 10 anos)

“Eu danço quando não tem nada pra fazer, quando eu tô vendo TV e tem programinha de dança, ah, eu danço até quando eu tomo banho.” (Yasmim, 8 anos)

“A gente dança no palco nas apresentações.” (Tais, 9 anos)

“Eu danço aqui na escola de dança, geralmente quando eu tô feliz ou quando tem uma musica que eu goste, ai eu danço uma coisa bem extrovertida, bem alegre, eu também danço quando eu quero treinar uma coreografia, e as vezes nas olimpíadas da escola tem que fazer uma coreografia de apresentação da equipe, ai eu também gosto de treinar” (Isadora, 11 anos)

“Eu danço na minha casa, ou quando eu tô triste eu ligo uma música e começo a dançar pra ficar feliz” (Clara, 10 anos)

Também falaram brevemente sobre a experiência com a dança na escola regular, consideraram como um dos lugares em que elas dançam, porém a experiência com dança nesse ambiente não as motiva muito, normalmente não acham legal ou não acham bonito.

“A gente dança na escola, e quando é festa junina a professora sempre fala, a gente tem que fazer uma dança, e não é legal.” (Liu, 8 anos)

“Eu danço igual todo mundo falou por ai, lá na minha casa, quando meus pais a gente tá brincando, coisa parecida, ou quando eu tô sozinha e não tem nada pra fazer, ou às vezes quando a gente é praticamente obrigado a dançar na nossa escola. Teve uma vez na minha aula de música ano passado e teve que dançar umas músicas e era um negócio feio de fazer.” (Laura, 10 anos)

“Na escola, a gente não dança, mas é muito vergonhoso, a gente não dança a gente canta, mas eu às vezes danço na minha casa, e às vezes na escola.” (Manu, 9 anos)

Quando perguntei onde e em que situações elas gostariam de dançar, elas disseram que gostariam de ter mais tempo para dançar, e que gostariam de frequentar a escola de dança em outros dias também.

“Eu gostaria de dançar toda hora, menos quando eu me canso. Eu gostaria de dançar em qualquer lugar” (Isadora, 11 anos)

“Eu gostaria de vir na verdade sempre pra cá (escola de dança)” (Sofia, 8 anos)”

“Eu gostaria de poder ter mais tempo pra dançar, eu queria poder fazer três modalidades de dança, só que pra começar é muitos dias de dança, depois eu faço aula de tarde, depois olha o preço que vai dar, pra mim se for pra valer a pena, eu acho que o preço e o dinheiro valem menos do que o que a gente ganha quando a gente faz aula. Sinto que eu aprendi um jeito de me ajudar, de me expressar, porque isso a gente não compra, nessa situação, mesmo a gente tendo oportunidade, eu não sei, eu sinto que eu aprendi um jeito de me deixar alegre, como se eu comprasse isso.” (Camila, 10 anos)

Camila, ao explicar por que ela não dança mais de uma modalidade, ela demonstra ter consciência das condições necessárias para frequentar uma escola de dança, referente à disponibilidade de tempo e às condições financeiras, e que infelizmente, dentro da rotina de vida dessas crianças, fazer mais de uma atividade “extra” não é tão simples. Ela também fala sobre o sentimento de alegria que esses momentos proporcionam, como se fossem um investimento, porém com um lucro diferente, a felicidade.

Quando perguntei se elas achavam que muitas crianças dançavam, elas novamente entenderam a dança como restrita às aulas de dança formais, e dentro desse contexto elas perceberam que muitas crianças não dançam, talvez por não terem dinheiro.

“Eu acho que bastantes crianças, a maioria do numero de crianças do mundo podem dançar ou não, mas que eu conheça 2% dançam. Tem gente que quer dançar só que já que não tem muito dinheiro, pra pagar todo mês a escola de dança eles não conseguem, só que dai vai ficando menos crianças.” (Tais, 10 anos)

“Eu acho que antigamente, é, pelo o que minha mãe falava, é, pelo menos da minha mãe a mãe dela não achava que dançar era uma boa opção, que ela estimulava a criança em alguma coisa, mas hoje em dia eu acho que se tu for numa apresentação assim, de uma escola de dança tu vai ver muito mais crianças se apresentando do que adulto, com certeza, por que o adulto ele dança também, ele gosta, mas eu acho que a criança ela tem a vontade de dançar tanto quanto o adulto, que é tão imensa que ela pode, assim, dançar horrível nas aulas, mas no palco eu sei que ela vai estar dançando bem, que ela pode ser até a melhor dançarina.” (Rafa, 10 anos)

Quando perguntei se elas já haviam assistido apresentações de dança e como elas se sentem vendo outras pessoas dançando, todas responderam que já tinham assistido alguma apresentação, principalmente apresentações da escola em que fazem aula, e a maioria disse que se sente contagiada pela dança, sentem vontade de subir no palco e dançar como os bailarinos que se apresentam. Ficam admirados e felizes com o desejo de se apresentar também para outras pessoas.

“Impossible. Impossivel! O que as pessoas fazem. Eu tenho que treinar muito!” (Joao, 10 anos)

“Eu já assisti o teatro do Bolshoi” (Rebeca, 11 anos)

“Eu já vi muitos espetáculos de dança, principalmente da Garagem da Dança. Eu me sentia, tipo que, eu queria fazer igual, mas daí passava um tempo depois do espetáculo e eu não queria mais, mas eu sentia tipo, como deve ser ficar lá no palco dançando para as outras pessoas.” (Sofia, 8 anos)

“Dá vontade de subir lá e dançar com elas, porque eu acho super mega hiper legal, todo o friozinho na barriga de tá esperando pra se apresentar, eu acho bem legal!” (Julia, 11 anos)

“Eu já vi, eu gostei, eu adorei, e queria dançar. Eu queria subir no palco e começar a dançar.” (Yasmim, 8 anos)

“Eu não gosto de fazer o balé, eu gosto de ver o balé. Eu sinto que um dia eu vou poder estar ali, um dia eu queria estar ali. Claro que dá vontade de subir ali e começar a dançar.” (Camila, 10 anos)

“Eu já vi apresentação e eu me sinto feliz por aquela pessoa, e eu sinto que algum dia eu também vou estar ali e eu também se sinto feliz” (Beatriz, 9 anos)

“Eu já vi a Bia no palco e eu senti que eu queria dançar também.” (Clara, 5 anos)

“Aqui na Garagem da Dança sempre no fim do ano tem um espetáculo de todas as turmas que fazem uma apresentação. Eu vejo as outras pessoas dançando e eu gosto muito, as vezes tem adultos e eu fico pensando que eu quero dançar que nem eles que eu acho muito bonito.” (Isadora, 11 anos)

“Eu já assisti varias apresentações da minha prima e daqui da Garagem da Dança, e eu acho muito legal ver os outros dançando porque eu vejo como a coreografia deles faz sentido na musica. Eu me sinto feliz assistindo as apresentações dos outros.” (Clara, 10 anos)

“Eu acho muito legal ver as pessoas dançando, e as vezes eu acho que eu queria dançar como eles, eles são muito bons.” (Liu, 9 anos)

Foi possível perceber nessas respostas que se apresentar para os outros é algo que desperta o desejo e a motivação em dançar para essas crianças, partindo dessas falas elaborei mais uma pergunta sobre como elas se sentem dançando para uma plateia. Muitas falaram sobre a ansiedade e o nervosismo que antecedem a apresentação, e como esses sentimentos passam tão rápido quanto os minutos em cima do palco, e o que resta é a alegria, a satisfação, o orgulho e reconhecimento de terem expressado a sua arte, a sua dança, o seu talento com tanta dedicação e coragem. Dançar no palco representa a conclusão de uma etapa e o inicio de outra, é o momento em que sentem capazes e confiantes, que estão crescendo e ampliando seu conhecimento em dança. Nesse sentido “o sentimento de êxito no aprendizado da dança, não depende da melhor execução de movimentos técnicos, mas sim no fato dos movimentos realizados terem deixado transparecer sensações/sentimentos.” (FIAMONCINI, 2003, p.88)

“Eu sinto um frio na barriga quando tá uma apresentação antes da minha, e dai na hora que chamam eu fico bem nervosa, dai se eu erro uma coisa mesmo que ninguém note eu já faço uma careta ou boto a língua pra fora.” (Sofia, 8 anos)

“Eu ficava geralmente muito ansiosa e com muito medo de errar [...]e eu amava estar lá em cima!”
(Julia, 12 anos)

“Sinceramente quando eu tô dançando no palco, antes de entrar dá um nervosinho, quando você entra parece que foi um segundo de dança.” (Rafa, 10 anos)

“Pra mim é importante dançar no palco, pra eu entender que eu fiz um ano de dança, que eu pratiquei, que eu fui lá me apresentei, e que tudo aquilo acabou, mas vai começar uma nova etapa, que eu tô subindo o meu nível de dança, que eu tô fazendo o que eu gosto, e eu me sinto importante assim. E eu acho muito legal assim, porque a minha mãe ela também desde pequena ela dança muito, e depois ela ficou com um problema nas costas e não pode mais dançar, então ela gosta de me ver dançando e eu acho importante continuar o que minha mãe gostava.” (Rafa, 10 anos)

“Dá um nervoso, assim um frio na barriga da primeira vez que você sobe no palco, só que depois passa tipo voando, tipo um estralo de dedo assim, você olha todas aquelas pessoas, e você vê assim: ‘nossa!’. Todas essas pessoas vieram ver a nossa apresentação’, eu não sabia que podia vir tantas pessoas assim, antes de começar o espetáculo, achava que tipo, ia vir poucas pessoas, mas e eu olhava assim “meu Deus eu vou morrer!””. (Tais, 9 anos)

“Assim, quando eu subi no palco, foi a minha primeira vez assim, dá um nervoso assim no começo, mas eu me sinto muito feliz e acho que fiz o certo assim, comecei uma coisa nova, aproveitei o meu tempo.” (Bia, 9 anos)

Por fim, quando perguntei se a dança poderia mudar a vida delas, me explicaram que sim, e que já havia mudado, pois agora elas têm uma motivação para serem mais ativas, pois fizeram novos amigos, por que aprenderam coisas diferentes do que aprendem na escola, porque descobriram e se apropriaram de algo que proporciona bons momentos e sentimentos.

“Porque dançando você aprende mais coisas, não é assim que quando você for adulto, você necessariamente vai ter que fazer aquilo, vai ser uma coisa que você aprendeu quando você era criança porque assim também é uma maneira, tipo Inglês, que tem muita gente que faz aula de inglês, mas não necessariamente quando for pra faculdade vai fazer faculdade de inglês. A importância é que daí você aprende coisas novas que não necessariamente vão ser usadas ate mais tarde.” (Rebeca, 11 anos)

“Tem gente que tipo fica o dia inteiro lá na frente da TV, ou no computador, daí tipo a dança pode mudar a vida dele porque ele vai interagir né, mais! Ele não vai ficar lá só parado (imita alguém no computador com a postura curvada pra frente, e depois alguém mudando os canais da TV no controle remoto), daí um dia ele pode ate dizer ‘como é que você consegue usar o computador?’” (João, 10 anos)

“Eu acho que a importância da dança na minha vida é porque eu amo dançar, é como se livrasse tudo de ruim e só ficassem as coisas boas, então dançar é soltar as coisas ruins é com musica, é um tempo pra curtir a musica dançando e você não precisa saber dançar, você solta.” (Julia, 11 anos)

“Antes de eu começar a dançar eu era meio quieta, quieta não no sentido de falar, eu era tipo meio parada assim, é, daí quando eu comecei a fazer dança eu comecei a me soltar um pouco.” (Sofia, 9 anos)

“Claro, a pessoa pode ficar mais feliz, mais alegre.” (Bia, 8 anos)

5.3. COMPREENDENDO AS FALAS DAS CRIANÇAS

Após apresentar o resultado das entrevistas, ou ainda, mostrar o que as crianças que dançam tinham a dizer sobre essa experiência em suas vidas, foi necessário selecionar e classificar os assuntos que julguei mais relevantes dentro do objetivo dessa pesquisa. Considero todos os apontamentos das crianças interessantes, importantes e suficientes para desenvolver uma reflexão mais profunda que contribua para entender melhor essa infância, a importância da dança e na dança para as crianças, porém dadas as circunstâncias em que desenvolvi essa pesquisa, terei que optar por alguns assuntos para discutir nesse momento.

Ao reler as falas das crianças, percebi que algumas ideias e opiniões se repetiam dentro dos grupos, entre os grupos, e nas respostas de perguntas diferentes, busquei agrupar esses discursos semelhantes e destacar outros que não foram tão gerais, mas que considero importantes para o foco desta pesquisa.

5.3.1 DANÇAR É IMPORTANTE PARA O CORPO?



“Eu danço porque eu me sinto bem, porque a dança é um exercício físico e faz bem, é legal.” (Julia, 11 anos)

Muitas crianças ao falarem sobre sua compreensão de “dança” trouxeram a ideia de dança como um esporte, porém não no sentido competitivo de que esta atividade vem

acompanhada, mas num sentido de exercício físico e saúde corporal que ela pode proporcionar. Assim como no esporte, na dança existem vários tipos, para elas a dança está organizada por modalidades, das quais elas citaram o jazz, o sapateado, o hip hop, o ballet, a dança de salão, a dança livre, o contemporâneo, o flamenco, a capoeira, a ginástica rítmica e a ginástica olímpica, mas para além dessas modalidades que encontramos nas escolas de dança, “a cultura da dança divide-se num universo de diferenciações: dança social, de carnaval, folclore, disco, religiosa, jazz, ballet, etc.” (KUNZ, 2003, p.187) As crianças, mesmo pertencendo a essa cultura da dança maior, se limitaram a relatar sobre as danças da qual elas podem fazer aulas em um espaço institucionalizado. Ainda acrescentaria nessa cultura da dança a dança de rua, ou hip hop, ou danças urbanas, que se faz nos espaços públicos de forma voluntária e aberta a comunidade, aqui em Florianópolis existem muitos projetos e dançarinos que se tornam professores para crianças de todas as idades que tem o interesse na dança, e ainda compartilham conhecimentos com outros dançarinos.

“Eu acho que a dança ela é muito importante pra gente, e é uma arte, ao mesmo tempo que é um esporte é uma arte.” (Rafa, 10 anos)

“A dança é um tipo de esporte, que faz as pessoas se motivarem bastante a se mexerem e não ficar só parado.” (João, 10 anos)

“Eu danço porque eu acho que tipo, eu não faço nenhum esporte assim, e eu acho que a dança é tipo o esporte disfarçado, daí agente ao invés de ficar fazendo aquelas coisas chatas do esporte, agente dança, com musica!” (Sofia, 8 anos)

Se pensarmos na “esportivização⁵” da dança, no sentido competitivo, compreendemos que ela é caracterizada pela “superação dos limites físicos na imposição de treinos cada vez mais aperfeiçoados.” (FIAMONCINI, 2003, p.32) Tal perfeição que se busca na dança é incentivada pelos festivais competitivos, o que acarreta um esvaziamento do significado da própria prática de dança em troca da repetição mecânica de movimentos, sem respeitar muitas vezes o limite físico e mental do bailarino, “o perfeccionismo despersonaliza o dançarino de competição e a tendência é não ter estilo.” (KUNZ, 2003, p.190) O que percebemos nas falas das crianças é a comparação da dança a uma atividade física, que poderia ser o esporte, porém com uma visão mais ingênua, no sentido de que a dança colabora com a saúde física e mental, pois se torna uma motivação para entrarmos em atividade e exercitar o corpo e a mente.

⁵ Caracterização da dança como um esporte.

“Eu sou meio corcunda né, daí a dança vai trabalhar mais com o tronco daí talvez eu fique um pouquinho mais reto, e também porque faz bem pra saúde e é legal.” (João, 10)

Ao pensar na dança e sua relação positiva com o corpo e a mente, as crianças falam sobre benefícios que esta atividade pode nos trazer, como por exemplo, a melhora na postura. Quando dançamos, exercitamos nossa consciência corporal desenvolvendo-a, colocamos em movimento todo o nosso corpo e vemos esse corpo no espelho⁶. Conhecendo melhor nossos limites, nossos membros, quais as possibilidades e dificuldades para nos movimentarmos, criamos condições para agir consciente no nosso dia-a-dia, melhorar o que acharmos necessários, nos corrigirmos. Nossa mente e nosso corpo trabalham em conjunto, pois “[...] na ação de dançar, consciência e pensamento, corpo e movimento se encontram como unidades inseparáveis: consciência e corpo fundem-se nessa existência dançante.” (MARQUES, 2012, p.70) Não somos apenas consciência e nem apenas corpo (objeto), mas a união dos dois.

“Pra mim o papel da dança é uma atividade para me fazer feliz, alegre, me divertir, e pra eu poder aprender mais com meu corpo.” (Laura, 10 anos)

Quando dançamos proporcionamos o bem estar e o encontro entre consciência e corpo com intencionalidade e significado, pois “corpo é movimento, movimento é corpo, consciência entrelaça-se no corpo, assim como corpo entrelaça-se na consciência, um está para o outro.” (MARQUES, 2012, p.44), dessa forma possibilitamos o aprendizado que reúne essas duas potencialidades humanas.

“Eu danço porque eu acho interessante, agente se movimenta muito, e porque eu e minha mãe agente acha que é uma atividade legal pra fazer e mantem o movimento.” (Laura, 10 anos)

“Manter o movimento”, se exercitar, se alegrar, melhorar a postura, a saúde, todos esses são motivos que levam as crianças a dançar. O papel da dança nessa perspectiva estaria relacionado com as melhoras na saúde e uma maior consciência corporal que podemos alcançar ao dançarmos, o departamento de educação da cidade de Nova Iorque, em seu documento de parâmetros curriculares *BluePrint for the Teaching and Learning of Dance*, aponta que a educação através da dança contribui com o desenvolvimento do “autocontrole, refinamento de habilidades motoras, o desenvolvimento de habilidades motoras finas e compreensão da relação entre seus corpos e o espaço à sua volta, bem como a padronização rítmica, controle motor fino, o isolamento de partes do corpo e transições entre os movimentos.” (NYC-DOE, 2007, p.3)

⁶ Considerando aulas de dança em sala padronizadas com a presença de espelhos e barras.

5.3.2 DA DANÇA PARA AS AULAS DE DANÇA: A POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO, LIBERDADE, PROTAGONISMO, INTERAÇÃO, MOVIMENTO E FELICIDADE.



“Aqui agente pode escrever com o nosso corpo!” (Isadora 11 anos)

Um movimento que ocorreu em todos os grupos entrevistados foi a compreensão de dança enquanto aulas de dança. Se em alguns momentos as crianças falaram da dança como um “esporte disfarçado”, em outros elas trazem a dimensão mais ampla da dança, o sentido de arte e expressão.

“O papel da dança na minha vida seria um jeito de eu me expressar, como eu estiver me sentindo no dia da semana no jeito que eu me sinto, então quando eu danço eu expesso o jeito que eu me sinto. Esse é o papel, dizer como eu estou a cada dia.” (Johanna, 13 anos)

A dança no sentido de manifestação artística, de criação, de expressão dos sentimentos e das ideias torna-se um meio para desenvolver a sensibilidade, a autonomia, a criticidade e a criatividade dos sujeitos que dançam. A autora Isadora Duncan (*apud* Fiamoncini, 2003, p.68) entende que “a dança não é apenas uma arte que permita à alma humana expressar-se em movimento, mas também a base de toda uma concepção de vida mais flexível, mais harmoniosa, mais natural” (Duncan, 1996:27) Nas falas das crianças é possível perceber em que situações a dança proporciona para elas momentos de harmonia e de uma vida mais flexível e feliz.

“O papel da dança na minha vida, é tipo, é, humm, assim, uma parte da nossa vida que a gente pode se expressar não só falando, mas a gente pode se expressar com o corpo, e vindo pra cá (escola de dança),

pelo menos nem que seja uma vez por semana a gente conhece pessoas novas, e é isso.” (Sofia, 8 anos)

As aulas de dança para esse grupo de crianças representam a oportunidade de fazer novas amizades, de poder se movimentar e sentir com liberdade, e principalmente de expressar o que sentem e pensam sem receio, pois a dança permite e incentiva que façam isso sem serem punidas, tais condições que as aulas de dança proporcionam são importantes pois

Para que possamos ser criativos ou para desenvolver a criatividade é necessário que o ambiente seja favorável, estimulador, ou que pelo menos permita sua manifestação de algum modo. Do contrário, mata-se possibilidades da criatividade se desenvolver em cada um de nós, pois é difícil tentar ser criativo em um ambiente hostilizante. (FIAMONCINI, 2003, p.53)

Para elas, dançar representa um momento único no seu dia-a-dia, pois permite exprimir seus desejos, brincadeiras e movimentos na companhia de outras crianças. Se em casa elas têm talvez o espaço, o tempo e a liberdade para também ser o que elas quiserem, nas aulas de dança, e quando dançam, elas podem compartilhar isso com outras crianças e adultos, dando outros significados para esses movimentos e construindo novos conhecimentos.

Eu acho que eu faço a dança porque, bom como elas já disseram, ela é mesmo fundamental, porque a gente aprende muito com ela, tipo eu não aprendo quando eu falo “Ah, você vai aprender a dançar assim, assim, assim.” A gente aprende a dançar mais inconsciente mesmo, porque também a dança não só me ajudou aqui, mas também me ajudou a raciocinar mais, é tipo, ‘direita, esquerda’. (Mari, 13 anos)

A dança em si permite que as crianças desenvolvam o ritmo, que ampliem seu repertório de movimentos, que descubram novas possibilidades para os mesmos movimentos, que imaginem e se sintam parte daquilo. Nesse sentido Fiamoncini (2003) nos alerta para a importância da dança na educação das crianças, principalmente no contexto escolar, pois para ela a “arte e a estética desenvolvem uma forma de inteligência diferente, de agir criativamente, de expressar-se melhor e com mais segurança, de sentir e perceber melhor o que está em sua volta, de estar preparado para o diverso e o imprevisível, estando sempre apto à mudança.” (FIAMONCINI, 2003, p.74) Infelizmente a experiência com a dança nas escolas do Brasil hoje ainda é muito escassa, apesar de constar em documentos nacionais da educação como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, como disciplina obrigatória. MARQUES (2012) ao desenvolver sua pesquisa de mestrado verificou a ausência dessa atividade artística e cultural no currículo escolar, e que quando aparece é desenvolvida de forma superficial e estereotipada,

muitas vezes indo ao encontro do que a mídia oferece. Para a autora “a dança é parte do universo cultural e que pode e deve ser construída e ressignificada nas experiências pessoais de cada um” (MARQUES,2012,p.108) Nesse sentido penso: qual lugar melhor do que a escola para garantir o direito de aprender sobre a própria cultura em que se está inserido? Não só aprender sobre sua história, evolução, datas, nomes, ritmos, mas principalmente vivenciar essa cultura e produzir essa história, na medida em que a criança também se constrói como ser humano pertencente a um mundo que é social e cultural, ela teria a oportunidade de experimentar, imaginar, criar e dançar.

A comparação das aulas de dança com a escola regular apareceu de forma muito significativa e sensível nas vozes das crianças. Para elas dançar é um momento de liberdade enquanto que a escola as prende e as limita.

“Eu acho legal, eu me sinto livre assim, eu esqueço das coisas.” (Ana, 11 anos)

“Eu danço porque é uma forma de se sentir mais livre e não tem que passar a manha inteira, ou a tarde inteira sentado copiando coisas do quadro, ou vendo coisa lá bem ‘chatona’ que dura 15 minutos, porque você pode, sei lá, ao invés de ficar sentado na cadeira copiando coisa você pode se soltar mais e não ficar fazendo coisas chata, tipo escola.” (Rebeca, 11 anos)

“É um jeito de você se sentir mais livre do que na escola.” (Rebeca, 11 anos)

Percebemos nessas falas que a forma com a qual a escola está organizada, muitas vezes não proporciona espaços de criação e liberdade. Quando dizem que se sentem livres na dança, em oposição à escola, é também num sentido de poderem ser quem elas são, crianças. Digo isto por que fazendo parte desses momentos de liberdade que a dança proporciona na rotina delas, percebo que ao chegarem à escola de dança elas sentem a necessidade de correr, brincar, interagir com os outros e dançar, por que faz parte da infância brincar, correr e dançar, e não somente isso. Tanto a escola regular quanto às escolas de dança “precisam pensar o aluno enquanto um ser de relações com o mundo e, portanto participante, questionador, que pode/precisa expor seu pensamento, suas percepções, e não enquanto um local para depósito de informações.” (FIAMONCINI, 2003, p.75). Talvez o que as crianças sintam em relação a escola regular, não seja o desinteresse pelos novos conhecimentos, eles não deveriam ser “chatos”, mas o que me parece “chato” nas falas das crianças, é a forma como esse conteúdo é transmitido para elas, como se elas fossem um “depósito de informações”, não considerando a participação delas nesse processo, não aproximando esses

conteúdos a vida real das crianças. Já na dança existe o espaço para aprenderem novos conhecimentos, mas também produzirem e participarem dessa construção da cultura, da arte, da dança e desse novo conhecimento. Neste movimento é importante que as crianças se sintam confiantes e confortáveis, que acreditem nas suas ideias, e tenham total liberdade para que assim sua criatividade não seja reprimida, pois “para o exercício da criatividade é importante que haja liberdade, pois se assim não for ela acaba sendo abafada, diminuída, ou coibida.” (FIAMONCINI, 2003, p57)

“Eu me sinto muito feliz dançando, eu me sinto solta assim, poder fazer o que eu gosto e o que eu quero, e quando não é uma dança que eu gosto eu fico triste assim, eu normalmente peço pra sair da dança que eu não to confortável” (Beatriz, 10 anos)

A possibilidade de fazer algo para si próprio e por vontade própria, como no caso de uma atividade extra, não obrigatória, na qual elas têm a oportunidade de escolher e decidirem se vão adiante ou não, representa a busca por essa liberdade, por mais autonomia, pelo espaço para serem o que elas quiserem, FIAMONCINI (2003) explica que “o expressar criativo e crítico de um pensamento passa necessariamente pela busca da liberdade ou por espaços que se aproximem da mesma.” (FIAMONCINI, 2003, p.58) Nesse sentido, o papel da dança na vida dessas crianças é justamente garantir o espaço de liberdade para que elas possam desenvolver sua criatividade ao mesmo tempo em que se tornam e se constituem como sujeito críticos e ativos na sua própria história, e conseqüentemente, na história da infância e da sociedade.

Elas dançam, pois encontram nesses momentos a possibilidade de se libertarem, e o fazem com sentido e com significado. Elas podem se movimentar de formas que não podem, ou não se sentem confortáveis, em outros lugares.

“Eu me expresso dançando, me mexendo, fazendo alguma coisa, me divertindo, fazendo um movimento diferente, alguma coisa que me deixa feliz.” (Beatriz, 10 anos)

“Eu me sinto alegre assim, de bom humor, eu sinto que eu to confortável, eu me sinto ‘fora da gaiola’! Eu sinto que eu posso fazer qualquer coisa, eu sinto que eu to alegre, eu to livre.” (Camila, 10 anos)

Dançando elas expressam os sentimentos, as ideias, a emoção que sentem naquele instante, elas ainda se relacionam com outras crianças, constroem novos conhecimentos de forma significativa, e brincam. Quem dera que todas as crianças tivessem essa oportunidade?

Se a escola realmente garantisse e proporcionasse essa experiência na infância? Que todos dançassem desde pequenos, poderíamos imaginar uma sociedade mais sensível, mais criativa, com pessoas mais confiantes, e que respeitassem mais as diferenças, pois conhecendo melhor o nosso corpo, quem somos, o que sentimos e queremos e conhecendo o outro passamos a respeitar melhor essas diferenças. Através da dança e da arte podemos ter uma vida mais plena, não desperdiçando nossas potencialidades e reprimindo desejos, pois “a arte implica uma atitude aberta à multiplicidade e um confronto criativo com as realidades e os acontecimentos que envolvem a vida no cotidiano.” (POMBO apud FIAMONCINNI, 2003, p.54)

5.3.3 A DANÇA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS



“Antes de eu começar a dançar eu era meio quieta, quieta não no sentido de falar, eu era tipo meio parada assim, e daí quando eu comecei a fazer dança eu comecei a me soltar um pouco.” (Sofia, 8 anos)

Algumas crianças falaram brevemente sobre como a dança pode mudar a vida delas, e como dançar se caracteriza como uma atividade diferente no meio social em que estão inseridas, principalmente em relação à escola. Para elas, pertencer a um grupo de dança ou praticar a dança em uma escola especializada é algo que as diferencia das outras crianças, pois sendo a educação um direito de todos, ir para a escola não é algo que as identifique dentre as outras crianças.

“O papel da dança é porque você está fazendo alguma coisa diferente que nem todo mundo faz, porque ir pra escola todo mundo vai, você tá fazendo alguma coisa diferente, daí você não é assim igual a todo mundo, que nem todo mundo tá na escola. Você também conhece pessoas novas, e daí você, sei lá, é alguma coisa pra você fazer no seu tempo livre.” (Rebeca, 11 anos)

Nesse sentido a criança que dança constrói sua identidade a partir das relações que estabelece nesse espaço “diferente” e constrói outros conhecimentos que não os conteúdos escolares, ou seja, na dança elas têm a oportunidade de exercitar outras potencialidades, exprimir seus sentimentos, e partir disso, se conhecerem melhor, pois “o ato de dançar permite que os sujeitos confirmem sempre novas significações à sua existência no mundo”. (MARQUES, p26, 2012) Através da arte e da dança elas manifestam suas emoções e aprendem a lidar com a vida de uma forma mais sensível e consciente. Esta nova forma de agir no mundo, dançando, passa a identificar a criança e a construir a sua subjetividade, pois “os(as) estudantes nessa fase de suas vidas estão experimentando suas relações com o mundo, desafiando o estabelecido, e desenvolvendo uma identidade para si próprios(as) com as quais se sintam confortáveis.” (NYC-DOE, 2007, p.2)

A subjetividade da criança vai sendo construída a partir dos diferentes meios sociais nos quais ela está inseridas. A dança e a arte se constituem, portanto, como um espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas individualidades, pois “ao privilegiar os sentidos dos alunos, valoriza-se conseqüentemente a identidade destes.” (FIAMONCINI, 2003, p.97) E além de valorizar, também acrescenta, pois a dança não exige que todos os alunos sejam iguais, aprendam da mesma forma e ao mesmo tempo, se movimentem com a mesma desenvoltura, ou seja, permite que as crianças expressem suas subjetividades e as reforcem, pois ao dançar cada um mostra o seu estilo, a sua dança e isso é o bonito na dança. A dança passa a fazer parte da educação da criança, no sentido de possibilitar a construção de um conhecimento novo em si próprio e da cultura em que está inserida, pois “nosso conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo está vinculado à nossa experiencial corporal.” (MARQUES, p.25, 2012) Educar através da dança também está vinculado a outro tipo de aprendizado, dançando aprendemos um jeito de nos fazermos felizes.

“Sinto que eu aprendi um jeito de me ajudar, de me expressar, porque isso a gente não compra, nessa situação mesmo a gente tendo oportunidade, eu não sei, eu sinto que eu aprendi um jeito de me deixar alegre, como se eu comprasse isso.” (Camila, 10 anos)

Tendo consciência de que as aulas de dança que fazem, em uma escola particular, não estão ao alcance de todas as crianças, Camila fala sobre o que ela aprendeu com a dança, algo que não pode ser transferido para outros, pois o sentimento de felicidade que ela cria quando dança pertence somente a ela, é único, e infelizmente nem todas as crianças tem essa oportunidade. Tal alegria em dançar pode contagiar as outras pessoas, talvez espectadores,

mas nunca será igual à experiência de se movimentar dançando, e isso ninguém pode tirar dela, já faz parte de quem ela é, assim como qualquer conhecimento que construímos.

O sentimento de alegria que a dança nos dá ajuda a nos harmonizarmos e a ganharmos um incrível sentimento de pertencer. Se no nosso ensino tivermos ajudado as pessoas a enfrentar o medo e conquistar confiança para se comunicar livre, sensível e imaginativamente; se sentirmos que possibilitamos que [os alunos] se tornem, mesmo em pequena escala, conscientes de seu potencial e dos outros, então teremos atingido sucesso. Este sucesso é a justificativa de uma educação através da dança.” (Ullmann, in Laban, in Marques 2011, p.78)

A criança que vivencia uma experiência com a dança, tem a oportunidade de se relacionar com outras crianças, e de enfrentar novas situações, pois na dança somos incentivados a superar nossas dificuldades, somos motivados a lidar com novas situações, como por exemplo, as apresentações para um público, e ao enfrentarmos essas novas situações ganhamos confiança e nos tornamos mais autônomos. Do ponto de vista social e afetivo, segundo o documento *BluePrint for Teaching and Learning in Dance (2007)*, o estudo da dança contribui para “a superação do sentimento de inadequação , a construção da confiança entre os pares, o trabalho independente e a coragem de se arriscar.” (NYC-DOE, 2007, p.2)

6 CRIANÇAS PESQUISADORAS

Pesquisar sobre algo que pertence às crianças com as crianças foi uma experiência muito interessante e importante. Poder escutar o que elas pensam foi fundamental para entender o papel da dança na vida delas. Apenas observá-las não seria o suficiente, pois dançar envolve sentimentos, e alguns deles só viriam à tona com fidelidade através da palavra. E ainda envolvê-las nesta pesquisa de forma significativa, trazendo elas para dentro, tornando-as pesquisadoras, foi uma forma de garantir seu direito a voz e fundamental para que se motivassem a participar, dando sentido e entendo o que estávamos fazendo, dessa forma elas exerceram um direito de forma responsável, sincera, crítica e consciente.

A possibilidade de envolver crianças em uma pesquisa acadêmica existe e é importante, na medida em que, considerando a criança um sujeito capaz, que tem voz, vive e constrói uma história, tornamos a nossa curiosidade, a nossa problemática ou investigação, um desejo delas também. Se o tema fizer sentido para elas, da mesma forma que nos motiva inicialmente, elas buscarão as respostas com as ferramentas que tiverem a disposição, responsabilizando-se também pelo trabalho e comprometendo-se com este. A convenção sobre os direitos das crianças (ONU, 1989) apresenta a dimensão de participação das crianças e afirma que “a criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração.” (p.10) e ainda “a criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.” (p.11) Reconheço que envolver crianças em pesquisas de forma mais ativa é algo novo e requer também novos métodos, pois se nos interessamos pelo o que elas têm a dizer, e devemos nos interessar, é preciso compreendê-las como sujeitos de direitos pois “envolver todas as crianças mais diretamente nas pesquisas pode resgatá-las do silêncio e da exclusão.” (ALDERSON, 2005, 423)

Nesta pesquisa as crianças participaram de forma ativa, responderam as perguntas que selecionei e fizeram algumas dessas perguntas para outras crianças que não estavam ao meu alcance. Os materiais que foram resultados da pesquisa e das entrevistas feitas pelas próprias crianças, foram analisados e considerados, porém não os utilizei no texto por não contar com a autorização expressa dessas crianças e outras crianças. Apesar de as crianças-pesquisadoras terem se preocupado em saber se as outras crianças concordavam em participar e registraram

essa autorização oral nos vídeos, optei por não citar nenhuma fala dessas outras crianças. As falas dessas crianças que não pertenciam aos grupos entrevistados por mim da escola de dança foram muito interessantes, pois eram casos de crianças que não praticam a dança de forma institucionalizada, porém têm uma opinião muito parecida com as das crianças que entrevistei.

7 SOBRE A MINHA EXPERIÊNCIA COMO PESQUISADORA



Fazer uma pesquisa é algo novo pra mim. Apesar de estar há quatro anos e meio na universidade, não tive muitas oportunidades de exercitar o meu lado pesquisadora. Por diversos motivos e também por um acaso acabei não me envolvendo com nenhum grupo de pesquisa do curso de Pedagogia, e as disciplinas obrigatórias que fiz também não me incentivaram a esse exercício, portanto esse trabalho de conclusão de curso foi meu primeiro contato com a pesquisa. Escolher um tema, um campo, as perguntas certas, a metodologia mais interessante e adequada, tudo isso fez parte de um movimento de descobertas e surpresas. Como dito anteriormente, acredito que esse momento, esse trabalho também tinha como objetivo despertar o interesse pela pesquisa dentro de mim, ou pelo menos me aproximar deste campo. Muitas coisas me surpreenderam e me envolveram do início ao fim da pesquisa, e fico feliz por ter gostado do que vivenciei.

Pesquisar com crianças foi sem dúvida o maior motivo para que eu me envolvesse tanto e com tanto prazer neste trabalho, escolher o tema “dança” também fez toda diferença, pois é algo que faz parte de mim, da minha história, identidade e profissão. Estar com as crianças que já eram minhas alunas, tentando estabelecer uma relação diferente foi algo interessante e divertido. Percebi o quanto é importante acessar outras linguagens com os alunos, para que assim também possamos escutar novas ideias e descobrir outras coisas sobre eles, sobre o que eles pensam, sobre aquilo que realmente é significativo para eles ali naquele espaço, e dessa forma qualificar esse tempo que passamos juntos semanalmente e a minha prática docente.

Ao fazer as perguntas para os diferentes grupos de crianças, me surpreendia com suas falas que traziam ideias as vezes tão complexas e profundas, reflexões que existem dentro deles e que vão construindo a identidade de cada um e de cada grupo de forma muito marcante. As crianças são capazes de refletir sobre aquilo que elas expressam, sobre seus sentimentos, movimentos e atitudes. Dançar para elas é fundamental, na medida em que se expressam e se libertam, fogem da rotina e das telas tão sufocantes que preenchem a vida de muitas crianças da nossa sociedade. Elas sabem o bem que fazem a si mesmas dedicando o seu tempo semanal ali na escola de dança, e que esse bem é para o corpo e também para a alma.

Foram muito significativas essas conversas descontraídas com amigas de pouca idade que fiz no trabalho, pois estabelecemos uma nova relação. Ao mesmo tempo em que me construía como pesquisadora durante as conversas sobre a dança, elas refletiam sobre suas escolhas, atitudes, ideias e dessa forma, também se transformavam em pesquisadoras e questionadoras. Não sendo alunas, eu não era professora, e não sendo a professora, eu era a pesquisadora, e vice-versa.

Destaco aqui a alegria e a relevância de ter vivenciado esses momentos em prol desta pesquisa, tais momentos significaram muito mais que uma simples pesquisa de conclusão de um curso, através deles fui capaz de sensibilizar o meu olhar e trazer esse movimento para minha prática docente. Reconheci-me como pesquisadora, e aprendi a ser uma professora melhor, estando mais atenta e sensível às falas e movimentos das crianças, questionando-os a fim de qualificar minha prática e o tempo das crianças, e proporcionando mais espaços e tempos para escutar a voz das crianças e para a brincadeira. Aprender com as crianças o que eu ensino para elas foi algo inesperado e lindo, esta pesquisa contribui, portanto, com a minha prática docente, com a minha formação acadêmica, com a minha formação humana e com constatação do porque as crianças precisam e devem dançar.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se-movimentar” nunca é neutro, ele sempre é dirigido a algo, mostra algo, realiza algo, etc. o movimento, assim, não é objeto, mas sim meio e pré-condição para experiências humanas mais ricas e variadas”
(KUNZ,2006,p.20 apud MARQUES,2012,p.112)

Neste momento, último capítulo desta caminhada, considerando ainda o caminho mais longo que percorri para chegar até aqui, percebo que este trabalho trouxe um significado ainda maior para minha formação como Pedagoga. Foi o momento em que pude trabalhar a teoria e a prática em conjunto, e este movimento trouxe mais sentido para minha formação, que foi na sua grande maioria teórica.

Esta pesquisa não pretendeu encontrar respostas como verdades acabadas, pois todo conhecimento esta aberto a novas reflexões. Foi ainda uma pesquisa feita com crianças de uma determinada classe social, região e tempo histórico, portanto, não podemos generalizar as informações obtidas aqui, e também por que sendo feita por mim, um ser social, pode ter sofrido influencias da minha experiência de vida, da forma como eu percebo o mundo e as pessoas.

Propondo investigar sobre o papel da dança na vida das crianças, esta pesquisa nos ajudou a pensar que talvez a dança seja essencial na vida desses sujeitos, principalmente desses que são de pouca idade, pois entendendo a dança como “fruto da criação, dos pensamentos, da imaginação” (MARQUES, 2012, p.141), ela contribui com a formação de sujeitos mais sensíveis, criativos e autônomos, aspectos essenciais da infância. As crianças que participaram da pesquisa mostram que a dança é sim importante para suas vidas, que ela tem valores, no sentido de que proporciona prazer, alegria, saúde, conhecimentos e principalmente liberdade de expressão e liberdade em ser criança. Para elas a dança através das aulas de dança permite que se sintam livres, que brinquem e expressem seus sentimentos através dos movimentos.

Pesquisar com as crianças também se constituiu como um dos objetivos deste trabalho. Buscamos aprender com elas qual a melhor forma de introduzi-las na pesquisa de forma ativa, ao mesmo tempo em que investigamos sobre o tema central. Durante todo o processo de pesquisa fui acompanhando o movimento das crianças-pesquisadoras e adaptando as metodologias conforme elas sugeriam, ou faziam. Para isso foi preciso compreender a criança

como um sujeito de direitos e voz, que vive e produz uma infância e uma cultura, e ainda, que sabem melhor do que nós sobre o que as fazem feliz.

Aprender com a infância, que sabe tantas coisas por nós ‘esquecidas, suprimidas à força’, não é, certamente, reafirmar o espontaneísmo, conforme algumas interpretações feitas sobre Rousseau. É reconhecer que há ‘modos de contato com a realidade’ que nós perdemos. Há inclusive, ‘elementos’ da consciência que já perdemos. (Linhares, 1999, p.169 apud Kunz, 2003, p.381)

Escutar o que as crianças têm a dizer é fundamental para entendermos melhor como essa infância se constitui, e a partir disso poder agir com intencionalidade e respeito diante desses sujeitos de pouca idade, contribuindo com o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Educar as crianças através da dança e da arte se torna uma possibilidade para desenvolver a sensibilidade e contribuir com uma melhor qualidade de vida.

Termo essa pesquisa tendo a consciência de que outras perguntas continuarão me motivando e que as temáticas apresentadas aqui, sobre dança, infância e criança necessitam maiores reflexões e um maior aprofundamento, principalmente por considerar a dança uma atividade fundamental na vida dos seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERSON, Priscila. AS CRIANÇAS COMO PESQUISADORAS: OS EFEITOS DOS DIREITOS DE PARTICIPAÇÃO SOBRE A METODOLOGIA DE PESQUISA* Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419-442, Maio/Ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BRASIL / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. (1997) Brasília: MEC/SEF, 6 e 7.

CHARLOT, Bernard, O “filho do homem”: obrigado aprender para ser. In: CHARLOT, Bernard, Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORSARO, William M. A reprodução interpretativa do brincar ao “faz de conta” das crianças. Educação, Sociedade & Culturas, n°17, 2002, 113-134.

DELGADO, Ana Cristina Coll – Furg MÜLLER, Fernanda - PPGEDU/Ufrgs. GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07, Agência Financiadora: Fapergs – CAPES. 2005. 28º Reunião Anual da ANPED

FANTIN, Monica. A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas. In: GIRARDELLO, Gilka & FANTIN, Monica. Org. Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças. Florianópolis: UFSC/CED/NUP; 2009. p. 47-72.

FILHO, Altino José Martins & BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Metodologias de pesquisas com crianças. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010.

FIAMONCINI, Luciana. Dança na educação: a busca de elementos na Arte e na Estética. Dissertação de Mestrado. Centro de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2003

FREIRE, Ida Mara. Na dança contemporânea, cegueira não é escuridão. PONTO DE VISTA , Florianópolis, n. 6/7, p. 57-78, 2004/2005.

GIRARDELLO, Gilka & FANTIN, Monica. Org. Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças. Florianópolis: UFSC/CED/NUP; 2009.

GUIMARÃES, Daniela & LEITA, Maria Isabel. A pedagogia dos pequenos: Uma contribuição dos autores italianos. Trabalho apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, Set/1999. www.anped.org.br

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do; PAFEL, Sandra Denise (Org.). Ensino Fundamental de

Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 13-23.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Departamento de Educação da PUC-Rio. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. “Dança e gênero na escola: formas de ser e viver mediadas pela Educação Estética”, Lisboa, 2003. Dissertação (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade Dança). Universidade Técnica de Lisboa.

LIMA, Elaine Cristina Pereira. “Que dança faz dançar a criança? Investigando as possibilidades da Dança-Improvisação na Educação Infantil.” Dissertação de Mestrado, UFSC, 2009.

MARQUES, Danieli Alves Pereira. O “se-movimentar” na dança: uma abertura para novas significações – diálogos na educação./ Danieli Alves Pereira Marques; orientador, Eleonor Kunz – Florianópolis, SC, 2012. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola / Isabel A. Marques – São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Altino José Filho, BARBOSA, Maria Carmem Silveira. METODOLOGIAS DE PESQUISAS COM CRIANÇAS Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010

NEW YORK CITY DEPARTMENT OF EDUCATION: BluePrint for Teaching and Learning in Dance: Grades PreK-12, 2007. Disponível em: <http://schools.nyc.gov/offices/teachlearn/arts/images/2007dancebp.pdf>

ONU.A Convenção sobre os Direitos da Criança. Adaptada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990. Disponível em: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

SOUZA , Aparecida Maria Sales. A temática da infância sob a visão de Walter Benjamin. Revista Memento. V. 2, n. 1, jan.-jun. 2011. Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura - UNINCOR

STRAZZACAPPA ,Márcia. A educação e a fábrica de corpos: A dança na escola. Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001

VIGOTSKY, Lev Semenovich. O papel do brincar no desenvolvimento. 4ª edição São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Anexo I – Termo de autorização para o uso de imagens**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS**

Eu, _____, responsável pela criança
_____, da Turma de _____,

AUTORIZO que fotos e filmagens que incluam meu/minha filho(a) sejam feitas e utilizadas:

- a) pela professora Vivian Shimizu para fins pedagógicos;
- b) pela estudante Vivian Shimizu para fins acadêmico-científicos (projetos de pesquisa de TCC)
- c) para fins de divulgação do trabalho da escola e/ou da UFSC (informativos, encartes, folders, jornais internos da universidade e/ou semelhantes).

Florianópolis, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do responsável

Anexo II – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu filho está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “O papel da dança na vida das crianças contado por crianças que dançam”

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O motivo que nos leva a pesquisar o papel da dança na vida das crianças por uma visão das crianças, é constatação de que grande parte dos trabalhos desenvolvidos sobre esse assunto apresentam uma visão dos adultos sobre a dança e a criança. A dança como arte, como forma de se expressar pelo movimento, se caracteriza como um meio interessante para explorar as mais diversas dimensões das crianças, e ao mesmo tempo contribuir para sua formação humana, bem como aspectos relacionados à motricidade, coordenação, agilidade, lateralidade, por isso a relevância deste trabalho ao tentar descobrir qual o verdadeiro sentimento da criança em relação a dança. O objetivo desse projeto é investigar o que as crianças sentem quando dançam, onde elas dançam, por quê? O(os) procedimento(s) de coleta de material serão da seguinte forma: entrevistas filmadas com todas as crianças da turma com duração aproximadamente de 1h durante o período de aula na escola Garagem da Dança.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Existe um desconforto mínimo para as crianças se submeterem à coleta do material, pois precisaremos utilizar o horário de aula, sendo que isso se justifica pelo benefício da pesquisa, pois entendendo melhor a relação criança e dança, poderemos atuar de uma forma mais consciente e significativa junto às crianças. Essa também será uma aula diferente, dando espaço para elas falarem mais o que pensam e sentem quando estão ali na escola de dança.

SE EXISTEM OUTROS MÉTODOS OU ALTERNATIVAS PARA OS PROCEDIMENTOS PROPOSTOS: Não

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você e seu(sua) filho(a) serão esclarecidos(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você e seu (sua) filho (a) são livres para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação e a de seu(sua) filho (a) é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a identidade das crianças com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. O nome do seu filho ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Seu filho não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina e outra será fornecida a você.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Eu,

_____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora Gilka Girardello e a estudante Vivian Shimizu certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante Vivian Shimizu Santos ou a professora orientadora Gilka Girardello nos telefones (48) 99080574 (Vivian) e (48) 9922-8963 (Gilka). Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
Nome	Assinatura da Testemunha	Data